



INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE
SANTARÉM



RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE NA ESPECIALIDADE PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Transições nas primeiras idades. A entrada na escola

Unidade curricular de prática pedagógica em Educação de Infância
- Jardim de Infância

Autor:

Ana Rita Nogueira
(140219003)

Orientador:

Maria João Cardona

“As crianças estão sempre prontas para aprender - é só uma questão do que vão aprender, como vão aprender, e em que contextos vão aprender.”

Carlton & Winston (1999:349)

Agradecimentos

Ao chegar ao final deste percurso muitas foram as pessoas que, direta ou indiretamente tiveram um papel muito importante na sua conclusão. A todas elas estou agradecida, mas algumas merecem um agradecimento particular por todo o apoio que me deram.

Primeiro o agradecimento mais importante de todos, à minha filha Margarida. A minha principal fonte de força, a razão pela qual quero ser cada vez melhor e mais forte.

Deixar também o meu mais sincero agradecimento à minha orientadora a Doutora Maria João Cardona. O seu acompanhamento, conselhos e orientações foram fundamentais em todo este processo. Às educadoras cooperantes, auxiliares e colegas de curso pois com a sua ajuda consegui desenvolver diversas competências e colmatar lacunas que me ajudarão na minha futura prática profissional. Juntamente com as crianças foi um privilégio ter partilhado todos os momentos que certamente estarão bem cimentados nos alicerces da minha carreira profissional.

Outro agradecimento especial terá de ser à minha família. À minha mãe por toda a força e coragem que me transmitiu que muito me ajudou em todo este percurso. Ao meu pai por ter acreditado em mim desde o primeiro momento. À minha irmã por todo o incentivo que me deu. Ao meu namorado por estar sempre ao meu lado.

Quero agradecer também a uma amiga, Sara Alves, começou como a colega de estágio e terminou como uma boa amiga que esteve sempre disponível para me ajudar quando precisei.

A todos, muito obrigada.

Resumo

Este relatório tem como finalidade analisar o trabalho realizado durante os estágios e apresentar um estudo sobre a importância da transição da educação pré-escolar para o 1º ciclo do ensino básico, focando-se no impacto que esta tem nas crianças e nas estratégias que devem ser definidas por educadores e professores para lidar com este processo.

O tema deste estudo surgiu na sequência dos dois estágios que realizei no âmbito do curso que estou a frequentar e dos diferentes desafios que estes me suscitaram. Nos estágios que realizei fui confrontada com duas realidades diferentes na abordagem que têm perante o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, um com uma vertente mais escolarizada, onde as crianças saem do pré-escolar com um conjunto de competências já adquiridas, como a leitura, e o outro onde o principal foco acaba por ser a prioridade atribuída do conhecimento do meio e o contacto com a natureza. Ao planificar o trabalho, tendo em conta estas duas perspetivas, foram-me surgindo dúvidas sobre as escolhas para atividades a realizar.

Escolhi assim como tema de pesquisa a *Transição nas primeiras idades. A entrada para a escola*. A transição nas primeiras idades deve ser um processo natural de modo a não se tornar doloroso para as crianças. Nesse sentido há que estabelecer boas práticas que ultrapassem os constrangimentos sendo fundamental que haja “empenho, responsabilidade, abertura de espírito e disponibilidade por parte dos docentes” (Marchão, 2012:38). Os docentes devem encontrar estratégias facilitadoras através de práticas educativas que facilitem a continuidade entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo, permitindo “aprofundar temáticas comuns, estreitar laços e limar arestas diminuindo os distanciamentos existentes” (Aniceto, 2010).

Neste trabalho encontrei algumas respostas para as minhas dúvidas, ainda que seja um tema sempre aberto a várias interpretações. Tentei encontrar quais as melhores estratégias de modo a que, como futura educadora, consiga desenvolver um conjunto de atividades e rotinas que tornem o processo de transição do pré-escolar para o 1º ciclo numa experiência positiva para as crianças. Parti da revisão da literatura existente e realizei entrevistas a educadoras do pré-escolar e professoras do 1º ciclo. Mais do que um conjunto de procedimentos ou atividades concluí que a comunicação entre todos os intervenientes do processo educativo é a principal chave para cuidar deste processo de transição.

PALAVRAS-CHAVE: Transição, Educação pré-escolar; 1º ciclo ensino básicos, Docentes

Abstract

This report aims to analyze the work done during the internship and present a study on the importance of the transition from pre-school education for the 1st cycle of basic education, focusing on the impact this has on children and the strategies that should be defined by educators and teachers to handle this process.

The theme of this study was the result of the two internships that I made in the course I am attending and the different challenges they raised me. In stages realized I was confronted with two different realities in the approach they have to the development and learning of children, one with a more educated shed where children leave preschool with a set of skills already acquired, such as reading and the other where the main focus turns out to be given priority through the knowledge and contact with nature. When planning the work, taking into account these two perspectives were me emerging doubts about the choices for activities to be undertaken.

I chose as the subject of research Transition at early ages. The entrance to the school. The transition early age should be a natural process so as not to become painful for children. In this sense it is necessary to establish good practices that go beyond the constraints is essential that there is "commitment, responsibility, open-mindedness and willingness of teachers" (Marchão 2012: 38). Teachers should find facilitating strategies through educational practices to facilitate the continuity between pre-school and 1st cycle, allowing "deepen common issues, strengthen ties and filing edges lowering existing distancing" (Aniceto, 2010).

This study found some answers to my questions, although it is a theme always open to various interpretations. I tried to find the best strategies so that, as future educator, can develop a set of activities and routines that make the preschool transition to the 1st cycle in a positive experience for children. Started by reviewing the literature and conducted interviews to teachers of preschool and teachers of the 1st cycle. More than a set of procedures or activities concluded that communication between all stakeholders in the educational process is the key to taking care of this transition process.

KEYWORDS: Transition, pre-school education; 1st basic education cycle, Teachers

Índice Geral

Introdução.....	1
Parte I – Estágios Realizados	3
1. Apresentação e análise dos estágios	3
1.1. Creche	3
1.2. Jardim de Infância.....	15
2. Reflexão das aprendizagens	21
2.1. Avaliação e autoavaliação dos estágios.....	21
Parte II – Pesquisa Realizada.....	28
1. Objetivos da Pesquisa.....	28
2. A Transição entre o Jardim de Infância e a Escola.....	31
2.1. Impacto das transições no desenvolvimento e aprendizagens da criança.	32
2.2. Transição entre a Educação Pré- Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico – “Continuidade Educativa” e “Articulação Curricular”.....	33
3. Metodologias de recolha e análise de dados e apresentação dos participantes da pesquisa.....	38
4. Apresentação e Análise dos Dados.....	43
5. Reflexão Final do Trabalho de Pesquisa Realizado	48
Parte III – Considerações Finais	50
Anexos	55
Anexos 1: Guiões de Entrevista.....	56
Anexos 2: Entrevistas	59
Anexos 3: Preparação da análise dos dados	84
Anexos 4: Análise dos dados.....	102
Anexos 5: Conclusões retiradas dos dados	110

Índice de Figuras

Ilustração 1 – Atividade de expressão musical.....	14
Ilustração 2 – Atividade de expressão motora.....	14
Ilustração 3 – Atividade no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, da matemática e da expressão plástica;	20
Ilustração 4 - Atividade no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, da matemática e da expressão plástica;	20

Índice de Quadros

Tabela 1 – Horário das rotinas no Jardim-escola João de Deus	8
Tabela 2 – Caracterização dos entrevistados	42
Tabela 3 – Apresentação dos dados.....	83
Tabela 4 – Apresentação dos dados.....	101
Tabela 5 – Análise dos dados.....	109
Tabela 6 – Conclusões retiradas dos dados	115

Introdução

Este relatório evidencia o percurso de desenvolvimento profissional, enquanto estudante e estagiária do mestrado em educação pré-escolar.

Na sequência dos estágios que realizei constatei que uma das principais dificuldades sentidas está relacionada com o tipo de aprendizagens que devemos potenciar de modo a facilitar o processo de transição das crianças para o 1º ciclo do ensino básico. Tendo em conta esta questão o trabalho de pesquisa teve como objetivo estudar as transições nas primeiras idades, mais precisamente a transição do jardim-de-infância para a escola, de modo a identificar exemplos de boas e más práticas e as principais dificuldades.

Tendo como base os estágios que realizei fui confrontada com duas realidades bem diferentes, uma, no estágio realizado na escola João de Deus, em que a aposta na escolarização é um dos objetivos claros, enquanto no outro estágio, no Jardim-escola Fonte Boa, onde a aposta é mais evidente no desenvolvimento pessoal em contacto com a Natureza. Estas duas experiências proporcionaram um contacto prático com duas realidades opostas ainda que ambas tivessem como base com um mesmo objetivo, a transição com sucesso para o ensino escolar. Os desafios levantados pela experiência em ambos os estágios foram fundamentais para a realização deste trabalho, fizeram-me questionar se existirá um modelo prático correto de atividades a desenvolver para facilitar o processo de transição para o 1º ciclo.

Este relatório divide-se em três partes.

A primeira, dividida em dois capítulos, destina-se à caracterização dos contextos de estágio (creche e jardim de infância), onde se focam os aspetos ligados à caracterização das instituições e dos projetos das mesmas. Fala-se também da caracterização dos grupos de crianças, bem como dos projetos de estágio realizados por mim e pela minha colega de estágio. Num segundo capítulo desta primeira parte é feita uma reflexão das aprendizagens realizadas onde analiso o meu percurso de desenvolvimento profissional nos dois estágios, referindo os aspetos positivos e negativos e as dificuldades sentidas. É também feita uma exposição do meu percurso investigativo, das questões que surgiram ao longo dos estágios e das leituras que fiz e também da questões de pesquisa que surgiram nomeadamente sobre a transição jardim-de-infância/escola qual o papel que o jardim-de-infância deve ter na preparação para a escola.

A segunda parte apresenta a pesquisa realizada e é composto por cinco capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a problemática e os seus objetivos de pesquisa. No segundo capítulo é feita uma análise do processo de transição entre o jardim-de-infância e a escola, do seu impacto, apresentando uma abordagem teórica sobre o tema. No terceiro capítulo faço referência à metodologia utilizada durante a investigação (tipo de estudo e procedimentos para recolha e análise dos dados). Foi feita uma entrevista semi-diretiva a educadoras e professoras do 1ºciclo para ajudarem a terem noção de qual é o papel do jardim-de-infância na preparação das crianças para a escola para além de ficar a conhecer exemplos de práticas seguidas (boas e más práticas) e principais dificuldades. No quarto capítulo é feita a apresentação e análise dos dados recolhidos.

Numa terceira parte são feitas as considerações finais da globalidade do trabalho realizado.

O relatório teve como objetivo consolidar a investigação prática e teórica que realizei durante os estágios e a pesquisa sobre a temática da transição para o 1º ensino. Serão abordadas as dificuldades e estratégias encontradas nos estágios que realizei bem como a justificação teórica para as abordagens seguidas.

A realização da pesquisa contribuiu igualmente para um enriquecimento dos meus conhecimentos. A reflexão final apresentada para além de evidenciar as principais conclusões retiradas deste trabalho possibilitou-me analisar as suas implicações no meu futuro desenvolvimento profissional.

Parte I – Estágios Realizados

1. Apresentação e análise dos estágios

1.1. Creche

Caraterização da Instituição

O Jardim-Escola João de Deus é uma Instituição Particular de Solidariedade Social - IPSS, sem fins lucrativos, dedicada à Educação e à Cultura. É financiado pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Situa-se na freguesia de S. Salvador no concelho de Santarém. Esta unidade foi construída em 2003, estando a funcionar há onze anos. Funciona com as valências de Creche, Jardim-de-Infância e 1º Ciclo, recebendo crianças dos quatro meses aos dez anos, idade em que ingressam no 2º ciclo. Esta instituição de ensino tem como objetivo promover uma educação exemplar e grandiosa na tarefa de educar crianças.

O edifício apresenta uma arquitetura funcional e contemporânea valorizando a identidade cultural. É marcado por um ambiente harmonioso, onde a decoração prima pela simplicidade, privilegiando a arte infantil. Assente no pressuposto “as paredes também são mestras” (João de Deus) é possível constatar o envolvimento das famílias e docentes em todo o processo de harmonização do espaço.

No que diz respeito ao interior podemos encontrar quatro salas na valência de Creche (Berçário; Sala de 1 ano – Bibe Azulinho e Sala de 1 ano e meio – Bibe Azul Turquesa; Sala de 2 anos – Bibe verde); três salas de Jardim-de-infância (Bibe Amarelo: 3 anos; Bibe encarnado: 4 anos; Bibe Azul: 5 anos); e cinco salas de 1º Ciclo.

Relativamente às valências de Jardim-de-infância e 1º Ciclo, o espaço encontra-se organizado ajustando as necessidades das crianças às metodologias implementadas.

Como espaço comum a todas as crianças existe uma sala polivalente, que divide a creche do jardim-de-infância e o jardim-de-infância do 1ºciclo, equipada com uma diversidade de materiais. Existe um salão principal, circundado pelas salas existentes, casas de banho, uma copa (onde se prepara algumas refeições dos bebés), cozinha e a respetiva sala de refeições/cantina, onde as crianças almoçam e lancham de acordo com a sua rotina. É de salientar, a existência de rampas em todo o edifício que realça, mais uma vez, a preocupação da instituição em corresponder tanto

às necessidades das crianças como das próprias famílias, facilitando o acesso e a movimentação em toda a instituição.

No que diz respeito à valência de Creche, as quatro salas existentes encontram-se equipadas com materiais educativos e produtos de higiene e segurança que promovem, acima de tudo, o bem-estar e o desenvolvimento das crianças, a criatividade e o processo de autoexploração.

No exterior há vários pátios que se destinam às diferentes valências. Estes encontram-se equipados de modo, a que as crianças tenham segurança. O chão tem alcatifa e é liso, existem baloiços, bolas, brinquedos de empurrar e puxar, veículos de transporte (triciclos), entre outros.

No 1º andar, encontra-se um pequeno pátio exterior que está coberto, sendo utilizado frequentemente pelas crianças das salas de 1 ano e 1 ano e meio.

O Projeto Educativo da Instituição foi consultado através do site http://documentosapei.no.sapo.pt/jornadas_jd_elisaleandro.pdf. Da sua leitura destaco os seguintes pontos:

Princípios Básicos do Modelo João de Deus:

- Intenção social (preocupação pelo desenvolvimento das classes mais desfavorecidas);
- Culto pelos valores nacionais;
- Exaltação de um ambiente familiar pleno de amor, alegria, harmonia, serenidade e dedicação mútua;
- Educação Integral: atender aos períodos sensíveis da criança portuguesa;
- Educação Sensorial, Percetiva e Motora;
- Educação Física- Respeitar a espontaneidade infantil;
- Desenvolver gradualmente o raciocínio apoiado em noções concretas.

Organização do espaço e materiais

- A decoração da escola é simples, onde a arte está presente e onde existe uma arquitetura funcional e atraente com características nacionais e regionais, em que a identidade cultural é valorizada.

Existem diversos materiais para as atividades programadas em cada dia:

- Para a educação sensorial, percetiva, motora e física;

- Materiais naturais recolhidas pelas crianças no recreio e/ou nos passeios;
- Material para os trabalhos manuais e atividades plásticas;
- Livros e imagens e toda a documentação necessária para os “Temas de Vida”;
- Material de apoio para a aprendizagem da matemática como o Cuisenaire, Blocos lógicos, Tangran, Calculador multibásico, Dons de Froebel.

Para os mais pequenos existem materiais para imitar, para aprender a viver e integrar-se no meio social: a loja, a casa das bonecas e os jogos de trânsito.

No que diz respeito à Organização do Tempo cada grupo etário tem a sua organização do tempo. Nomeadamente, o grupo dos 5 anos tem diariamente lição de cartilha maternal e exercícios de matemática. A rotina diária poderá contemplar os seguintes tempos:

- Acolhimento;
- Cumprimentar, cantar, falar com as crianças e deixá-las falar;
- Atividades de Livre Escolha (preparadas na sala);
- Tema de Vida (diapositivos, imagens...) acompanhado de um bom diálogo com toda a documentação real possível onde caibam pequenas experiências;
- Exercícios de movimento e de relaxe;
- Jogos de mesa/exercícios de matemática: Cuisenaire, Palhinhas, Blocos lógicos, Tangran, Calculador multibásico, Dons de Froebel;
- Exercícios de memória visual, através de jogos musicais mimados e rítmicos, Higiene e Almoço (colaboração das crianças em tarefas: pôr a mesa; arrumar o guardanapo, etc.);
- Higiene/Repouso/Recreio;
- Atividades de expressão e trabalhos manuais;
- Lanche;
- Apoio sócio educativo: brincadeira livre, jogos de mesa, filmes.

No capítulo da Organização/Planeamento e Avaliação os grupos de crianças são formados por níveis etários com programas específicos para cada nível. Os educadores planeiam diariamente de acordo com os objetivos para cada grupo etário

e a avaliação que realizam é feita tendo em conta a individualidade de cada criança e a programação efetuada. É privilegiada a prática da disciplina ativa com exclusão de prémios e castigos.

Caracterização do grupo de crianças

A sala de um ano, onde realizei o meu estágio, integrava 14 crianças, 8 meninas e 6 meninos com idades compreendidas entre 1 ano e 1 ano e meio. A maior parte do grupo de crianças provinha da sala de berçário, à exceção de três crianças que ingressaram na instituição no ano letivo 2013/2014.

No que diz respeito à dinâmica era um grupo muito ativo, alegre, meigo e tranquilo. As crianças adoravam explorar todos os brinquedos que tinham ao seu dispor na sala, eram muito curiosas, gostavam de ouvir histórias e adoravam canções. Gostavam de brincar com jogos de encaixe, com legos e bolas. Interessavam-se por atividades que despertem para a novidade e a descoberta do desconhecido.

Relativamente às capacidades de comunicação, algumas conheciam o nome dos seus amigos e já conseguiam fazer recados simples, como por exemplo, dar a bolacha, ou a chupeta ao amigo. Relativamente à noção de espaço e motricidade global, conseguiam estar sentadas na hora da bolachinha, quando estavam a ouvir uma história e nas refeições. Algumas crianças já identificavam as suas camas e a de alguns amigos. Algumas crianças (mais velhas) estavam a ser estimuladas para comerem sozinhas. No geral, todas as crianças adormeciam bem à hora da sesta, com a duração, aproximadamente, de duas horas. Algumas crianças já dormiam sem chucha. Durante o dia não usavam chucha, brincando sem necessitar da mesma, o que é benéfico para o desenvolvimento da linguagem e da denteição.

A maioria do grupo apresentava um nível de desenvolvimento adequado à sua idade. Ao longo do estágio apercebi-me que nesta idade as crianças ainda requerem muita atenção e necessitavam de sentir segurança, mas já conseguiam participar nas atividades dirigidas e indicadas para a sua faixa etária.

A maioria das crianças não se expressava através da linguagem oral, utilizavam apenas pequenas expressões, recorriam aos gestos e aos objetos para se fazerem entender, mas já compreendiam o que lhes era transmitido.

Na creche, as atividades dirigidas são aquelas que a equipa de trabalho realiza com as crianças, havendo por parte dos adultos mais orientação, sendo que o imprescindível é deixar a criança segura para escolher a forma como vai explorar.

As crianças permaneciam durante todo o dia na Creche, onde convivem, participam nas atividades, brincam, usufruem dos cuidados básicos, alimentação, higiene, repouso e carinho.

Caraterização do Projeto Curricular de Sala

A creche deverá ser um local onde a criança recebe cuidados que a ajudam no seu desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico e em que as suas necessidades básicas são asseguradas por pessoal competente, e foi isso que podémos presenciar durante o nosso estágio.

O trabalho realizado ao longo do ano regeu-se por um plano elaborado no início do ano letivo pela educadora, onde foram definidos os conteúdos, os procedimentos e métodos, as capacidades e destrezas e os valores e atitudes, tendo como base as diferentes áreas de desenvolvimento do JI: Área de Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação no domínio da matemática, da linguagem, da expressão motora, dramática, musical e plástica e na Área de Conhecimento do Mundo.

Ao longo do estágio tivemos oportunidade de observar e realizar várias atividades dirigidas, como massa de cores, pintura com as mãos, exploração de diferentes materiais, sessões de motricidade, sessões de música clássica, entre outras.

As atividades eram diversificadas e dirigidas de forma a proporcionar um desenvolvimento adequado à criança. A pedagogia era diferenciada, respeitando o ritmo e as capacidades de aprendizagem de cada criança, estimulando a cooperação, sendo por isso, benéfica no processo de desenvolvimento do grupo.

A sala encontrava-se equipada com materiais educativos adequados à faixa etária de 1 ano. Tinha uma zona de refeição com uma mesa onde podem almoçar 4 crianças ao mesmo tempo. Ao lado tinha uma mesa de apoio para trabalhos de mesa. Tinha também uma bancada com um lava-loiça e uma bancada que dão apoio às refeições e a atividades/trabalhos. Tinha a zona do tapete onde se tem a hora da bolacha, das histórias, das canções, Tinha também uma zona com brinquedos. A sala durante todo o dia está ampla, exceto à hora da sesta que se colocam as camas pela sala. No fraldário existia uma bancada para trocar as fraldas, um lavatório, uma sanita e um armário para guardar os pertences das crianças. A sala promovia, acima de tudo, bem-estar e desenvolvimento das crianças, criatividade e o processo de autoexploração.

Rotinas	
9.00/10.00	Acolhimento (canções, gestos, jogos) / Bolacha
10.00/10.45	Atividades: Expressão plástica, expressão motora, expressão musical ou expressão dramática
10.45/12.00	Higiene Pessoal Almoço e Higiene Pessoal
12.00/14.30	Sesta
14.30/ 16.00	Lanche Higiene Pessoal
16.00/17.00	Atividades Lúdicas: jogos de encaixe, construção, modelagem, jogos de imitação, dramatização, fantoches e contos

Tabela 1 – Horário das rotinas no Jardim-escola João de Deus

O momento do acolhimento é uma fase muito importante do dia. No Jardim-escola João de Deus este momento era realizado por uma auxiliar ou educadora, de qualquer uma das salas da creche, é rotativo. O adulto apresenta-se disponível para conversar com o familiar que traz a criança, de forma a saber como passou a noite, como acordou, a que horas comeu, de forma a compreender e entender as necessidades da criança e alguns sinais que possa apresentar ao longo do dia.

O momento da higiene pessoal é um momento de grande importância pois, durante esta fase deve-se garantir o bem-estar do bebé ou da criança. O simples momento de mudar a fralda pode parecer, à partida, uma tarefa básica com pouca importância, que qualquer pessoa pode assegurar. Este momento era delicado, o corpo da criança era respeitado e manuseado com cuidado. No entanto, mais do que o simples contacto físico, deverá constituir-se uma ocasião privilegiada para a construção de sentimentos essenciais de segurança e reconhecimento.

No momento da alimentação, mais importante que "o dar de comer" é a relação afetuosa que se deverá criar nas refeições. Estabelecendo-se diálogos com as crianças, dando-se atenção, mostrando-se sorrisos, permitindo transformar este momento num ato de afeto, de brincadeira, de jogo e de prazer.

A hora da sesta é fundamental nestas idades, quanto mais pequena é a criança maior é a sua necessidade biológica de dormir. Existem, no entanto, alguns fatores a ter em conta:

- Adormecer num espaço calmo, silencioso, de modo a que o sono proporcione um momento agradável à criança;
- Se existir um objeto transaccional (um peluche ou objeto preferido), deverá acompanhar a criança neste momento, pois transmite conforto e alívio, permite representar a família ausente e tolerar melhor a separação.

No que diz respeito à articulação da instituição com a família/comunidade, tivemos oportunidade de observar que se estabelece diariamente diálogo no momento de acolhimento das crianças. Para além deste contato diário eram realizadas reuniões com os pais, onde eram apresentadas avaliações das crianças no que diz respeito à sua evolução e integração na instituição. Os pais foram bastante participativos, interagem no geral nas atividades desenvolvidas pelas educadoras. A educadora tem a preocupação de expor diariamente todas as atividades realizadas pelas crianças, utilizando o placard onde são colocados os trabalhos ou realizando cartazes com fotografias que são expostos na porta da sala. No momento da entrega das avaliações os pais também tiveram acesso à pasta dos trabalhos, ficando informados dos trabalhos que as crianças elaboram.

O projeto de estágio

O nosso projeto intitulou-se “*A Comunicação na Creche*” focando-se no desenvolvimento da linguagem verbal por parte da criança a partir de diferentes atividades. Assim, pretendeu-se promover experiências, atitudes, comportamentos e situações diversificadas que tenham em vista o desenvolvimento das crianças a diferentes níveis, com ênfase nas relações adulto/criança e criança/criança estabelecidas, bem como na exploração de meio e objetos diversificados.

Deste modo, o projeto por nós planeado caracterizou-se por abordar as diferentes áreas do conhecimento e seu desenvolvimento, proporcionando experiências diversas que promovam a exploração e aquisição de saberes por parte das crianças tendo em vista o desenvolvimento global das mesmas em ambiente o mais familiar e carinhoso possível. Se considerarmos que as crianças quando entram na creche vêm, na sua grande maioria, de um contexto social onde os familiares diretos são o principal interveniente. O nosso objetivo passou por tentar estender essa proximidade afetiva de modo a facilitar a sua inserção neste novo contexto social.

No que diz respeito à Fundamentação do Projeto considerámos que de modo a perceber melhor a importância da comunicação na creche temos de ter em conta a sua importância na relação da criança com a mãe nos primeiros meses de vida – o carinho. Um dos autores que pode ser considerado um dos precursores do estudo da comunicação em bebés é Winnicott (1963). Para este autor, a primeira infância é a fase anterior à apresentação e uso das palavras como símbolo. A criança depende do cuidado materno, (também paterno), que se baseia mais na empatia materna do que na compreensão do que é ou poderia ser verbalmente expresso. Nesta fase inicial, o desenvolvimento depende da capacidade materna de compreender as exigências do bebé. A criança ainda não é capaz de falar, a sua comunicação dá-se através de sinais que devem ser decifrados pela mãe ou pelo adulto responsável pelos cuidados básicos ao bebé. Nesta fase, o bebé é totalmente dependente, e não sobrevive física e psicologicamente sem os cuidados materiais e emocionais de quem cuida dele.

Surge, então, por volta do terceiro ou quarto mês de vida do bebé, outra fase, da dependência relativa. Nesta fase a criança dá os primeiros sinais de que percebe a mãe como um outro, começando a tornar-se consciente da sua dependência.

Quando a criança já está com 2 anos de idade inicia-se a aquisição de novos conhecimentos e saberes que habilitam a criança a perceber e a lidar com a realidade externa. Fatores ambientais e afetivos podem colaborar nesse processo, figuras permanentes podem ser qualificadas como substitutas da mãe. O desenvolvimento da linguagem é fundamental como um facilitador neste processo, pois possibilita aos pais dar à criança alguma compreensão intelectual do que a rodeia e onde está inserido, assim como a criança tem mais apetência para comunicar as suas necessidades e desejos e ser compreendida.

A terceira fase, denominada por Winnicott como *Rumo à independência*, é uma etapa na qual o bebé desenvolve meios de sobreviver sem os cuidados reais do outro. Tal capacidade tem como base a lembrança dos cuidados que lhe dispuseram durante as fases anteriores e do desenvolvimento da confiança no ambiente onde está integrado (Khan, 1988).

Sendo assim, de acordo com Winnicott (1963), pode-se afirmar que a capacidade de se comunicar está intimamente ligada às relações iniciais afetivas que manteve com o educador e de quem dele cuidava permanentemente são fatores ambientais colaboradores no processo de desenvolvimento emocional e aquisição de conhecimentos da criança. Este ambiente facilitador que estimula a formação da noção de um “não-eu” a partir “do eu” possibilita o surgimento do Espaço Potencial, primeiro fenómeno da capacidade criativa da criança e da sua explanação.

Seguindo a linha dos autores que se dedicaram ao estudo das primeiras relações das crianças/bebês, Brazelton e Cramer (1992) deram ênfase à importância das ligações ao ambiente no desenvolvimento da criança nos seus primeiros anos de vida e também descreveram alguns aspetos que caracterizam o desenvolvimento inicial da comunicação pais-bebé. A capacidade do adulto (pai, mãe e educador) de adaptar seu comportamento, atitudes e forma de estar aos ritmos do bebé durante os primeiros meses de vida, aprendendo a sua linguagem, os seus estados de consciência, dos órgãos motores e da atenção foi definida como *sincronia*. O bebé forma uma ideia da mãe como um ser confiável e compreensivo e passa a contribuir para um diálogo próprio. Os pais, por seu lado, vivenciam através da sincronia a sua própria competência. A *simetria* na interação significa que a capacidade de atenção do bebé, do seu estilo e das suas preferências de emissão podem influenciar a comunicação. Num diálogo simétrico, a mãe respeita os limites de seu filho. Cada um dos membros é responsável por manter a sincronia que contribui ativa e substancialmente para o seu desenvolvimento e aquisição de conhecimentos.

A *contingência* exige da mãe disponibilidade cognitiva e emocional. As mães respondem de modo assertivo quando conseguem descodificar as mensagens transmitidas por sinais emitidos pelo bebé. A criança, com as suas respostas e o seu comportamento e atitudes, dá a medida do êxito ou fracasso da resposta materna. Sendo assim, este processo vai sendo melhorado pois há coisas que funcionam e outras que não funcionam.

O *encadeamento* é fruto da sincronia entre a mãe e o bebé. Os membros desta simbiose ajustam-se dinamicamente um ao outro, funcionando como um poderoso fator da evolução do apego e da comunicação. Por volta do 3º ou 4º mês de vida começa a ser observado o uso repetitivo de sinais e sons. Com base no encadeamento, aparecem sequências de conjuntos de comportamentos que interagem, caracterizando o que Brazelton e Cramer (1992) chamaram de *brincadeiras* ou *jogos* entre a mãe e o bebé. Nesse contexto de jogos, a mãe e o bebé podem aprender mais a respeito um do outro. Imitam-se, comunicam-se e modelam-se reciprocamente. Esta comunicação não-verbal através dos jogos configura uma espécie de diálogo entre a dupla. O bebé aprende a exercer controlo sobre a mãe e sobre a interação e a mãe está aprendendo modos de conservar a atenção do bebé e de levá-lo a ampliar o próprio repertório. Na medida em que a sincronia, o encadeamento e as respostas contingentes da mãe reforçam capacidades diferentes, o bebé vem a perceber que é capaz de controlar a interação.

Por volta dos 5 meses, o bebé começa a criar a sua personalidade e a procurar uma certa autonomia. Um ambiente estável e acolhedor, que apresente respostas

previsíveis, assim como as atitudes de flexibilidade da mãe, proporcionam uma sensação de segurança no bebê, impulsionando a criança em direção a importantes conquistas. “À medida que os bebês adquirem um equilíbrio interno e começam a vivenciar a expectativa e a excitação dentro de um relacionamento seguro e previsível, passam a descobrir as capacidades emotivas e cognitivas de que são dotados. Aprendendo a estimular e a responder aos adultos ao redor, vivenciam as recompensas da comunicação” (Brazelton e Cramer, 1992, p. 151).

Para Brazelton e Cramer (1992), o comportamento, a comunicação, as expressões faciais, as brincadeiras e o tom de voz são indicadores da qualidade da ligação mãe e bebê. Embora cada gesto ou expressão isolada seja uma comunicação, a sequência temporal e o conjunto sensível de comportamentos comunicam mais do que cada um dos comportamentos. Sugerem que há diferenças entre mães e pais nas ligações fundamentais, e destacam a necessidade de que os pais ajustem os seus próprios comportamentos e ritmos aos do bebê, aprendendo sobre sua própria capacidade de responder e educar durante as relações iniciais, para que o desenvolvimento possa decorrer de forma harmoniosa virada ao êxito das interações.

Muitas das pesquisas viradas ao estudo do desenvolvimento da comunicação e da linguagem são desenvolvidas a partir da abordagem sociocognitiva. Estes estudos têm como foco principal a compreensão dos processos ligados ao desenvolvimento da noção de si mesmo e das outras pessoas.

Segundo Baron-Cohen (1988), o papel do comportamento verbal e não-verbal no *ato comunicativo*, considerando o contexto social em que a comunicação ocorre, tem tido cada vez mais relevo. A expressão facial dos educadores, direção do olhar, gestos, contexto afetivo e ambiental, conferem às palavras significados bem antes de elas se perceberem como verdadeiros conceitos.

É pacífico aceitar nas leituras sobre a noção de que o ambiente deve representar um local conducente a um desenvolvimento infantil saudável. Cabe, então, lançarmos um olhar a um novo espaço envolvente que tem feito parte do mundo do bebê, a creche.

O ambiente é compreendido como um espaço essencial, indispensável e determinante para estabilidade emocional dos indivíduos. A partir dessa concepção, alguns estudiosos da infância aprofundaram e vêm provando o entendimento de como se dá a evolução emocional e/ou cognitiva dos bebês em ambientes não familiares, levando em conta os fatores ambientais e a interação precoce. Brazelton (1994), ao escrever sobre os momentos decisivos no desenvolvimento infantil, propôs a entrada na escola como uma ocasião marcante na vida do bebê e de sua família. Segundo este autor, quando os pais colocam a criança na creche esperam que este espaço

possa ter um ambiente, uma afetividade, uma envolvimento substituta dos cuidados maternos primários.

A entrada de bebês na creche, principalmente durante o primeiro ano de vida, tem gerado controvérsias no meio científico e não científico, uma vez que implica em separações diárias do bebê em relação a sua mãe, com muita tenra idade. Vários autores mostram sobre a problemática do período da adaptação à creche, mas é muito relevante a discordância entre os estudos encontrados sobre o período mais adequado para se colocar a criança na escola, bem como a respeito dos efeitos desta experiência precoce na vida das crianças.

Como foi possível observar na literatura consultada, a mãe como ambiente fundamental para o desenvolvimento durante o primeiro ano de vida é um tema consensual universal. Porém, este estudo pretende analisar um outro ambiente dedicado ao desenvolvimento da criança durante o primeiro ano de vida, lançando um olhar sobre a interação bebê-educadora. Pensar a escola como um espaço de desenvolvimento saudável para o bebê é um desafio, uma vez que se trata de uma fase da vida em que cada movimento, as brincadeiras e a comunicação não-verbal são preciosos indicadores das suas necessidades. Sendo assim, é importante analisar se as educadoras (no papel de substitutas da figura materna) conseguem atender às necessidades emocionais das crianças, compreendendo até que ponto a linguagem do bebê está sendo adequadamente percebida.

Deste modo, e no âmbito do nosso estágio, tentámos arranjar as ferramentas necessárias de modo a conseguir essa interação com as crianças, recorrendo a técnicas que as deixem confortáveis num ambiente como o da creche onde estão fora do seu “habitat” de afetividade e de conforto proporcionado pelos pais. Deste modo, as atividades livres são fundamentais. É a brincar que a aprendizagem da criança vai sendo adquirida, no relacionamento com o que a rodeia e com os seus pares. A verdade é que com muito carinho, afeto e dedicação, se conseguem passar bons momentos de brincadeira, criando oportunidades de crescerem felizes totalmente ambientados.

Quanto às Planificações, eu e a minha colega de estágio durante a semana de observação pesquisámos possíveis atividades que gostaríamos de desenvolver. Apresentámos à educadora cooperante e em conjunto ela aceitou algumas atividades, adaptámos outras e sugeriu novas. Todo o processo correu muito bem, apenas senti alguma dificuldade na realização da primeira planificação na parte da avaliação. Isto devido a não saber se tinha de ter em atenção o modo como ia avaliar a atividade ou as expectativas que tinha sobre a atividade a ser realizada. Falámos com o supervisor

de estágio e ele esclareceu a minha dúvida dizendo que tenho de ter em atenção as expectativas e não o modo como vou avaliar a atividade.

Exemplo de duas atividades realizadas



Ilustração 1 – Atividade de expressão musical

Nesta atividade levei vários instrumentos musicais, incluindo uma guitarra clássica. Numa primeira fase da atividade mostrei a guitarra e fui passando os dedos pelas cordas para as crianças ouvirem o seu som e despertar o seu interesse. Em seguida, toquei e cantei uma canção. Depois deixei as crianças mexerem e explorarem a guitarra. Por fim, distribuí vários instrumentos pelas crianças e deixei-as explorar livremente.



Ilustração 2 – Atividade de expressão motora

Nesta atividade, deixa-se pela sala diferentes caixas de papelão, umas fechadas, outras abertas, outras a fazerem túnel, outras empilhadas, outras com balões de água com farinha para que as crianças quando andarem com eles na mão trabalhem o equilíbrio e a noção de peso. Em seguida deixa-se as crianças explorarem livremente as caixas e os balões.

Durante este processo vou interagindo com elas e mostrando, dando exemplos do que elas podem fazer com as caixas.

1.2. Jardim de Infância

Caraterização da Instituição

O Centro Educativo de Solidariedade Social Fonte Boa tem como Missão, proporcionar às crianças um desenvolvimento harmonioso e dar apoio social aos funcionários da Estação Zootécnica Nacional e à comunidade local, apostando numa relação de proximidade e de afetividade. O CES Fonte Boa tem como Visão ser uma instituição de excelência e de referência, sustentável, em melhoria contínua, promovendo novas ideias e serviços para responder às necessidades e desafios da comunidade, valorizando as parcerias e o respeito pela pessoa humana e meio ambiente e tem como Valores a Solidariedade, Competência, Dedicção, Confiança, Honestidade, Respeito e Tolerância.

Localiza-se junto à estrada que liga a localidade do Vale de Santarém à localidade da Póvoa da Isenta, sensivelmente a meio caminho das duas povoações. Situa-se na Quinta da Fonte Boa na freguesia de Vale de Santarém. Encontra-se integrada num complexo agrário vocacionado para a investigação pecuária. O núcleo que a instituição ocupa situa-se numa extremidade da quinta.

O CES Fonte Boa com as valências de Creche, Jardim de Infância e C.A.T.L., é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), criada com o objetivo primordial de dar apoio aos filhos dos funcionários. Atualmente já não estão inscritos filhos de funcionários, e por isso a instituição abriu as suas portas, apoiando a comunidade envolvente.

Está sediada no espaço que pertence à Estação Zootécnica Nacional, cujo ramo é exclusivamente virada à educação, formação e bem-estar de cerca de 170 crianças que acolhe diariamente.

Abrange crianças dos 4 meses aos 6 anos de idade e acolhe algumas com necessidades educativas especiais. Nestes casos específicos são acompanhados por pessoal credenciado e especializado da intervenção precoce, para poderem apoiar melhor a sua integração no ensino corrente. Também dá apoio em regime de centro de atividades de tempos livres às escolas do Vale de Santarém e Póvoa da Isenta.

Como funcionam as respostas sociais: Creche e Jardim de Infância. O Infantário (Creche e Jardim-de-Infância) dispõe de 5 salas de creche, 5 salas de

jardim-de-infância, 1 sala de acolhimento, 1hall, 3 refeitórios, 8 casas de banho para crianças e 2 para adultos, 1 sala destinada ao pessoal, 1 cozinha e um pátio.

O projeto educativo da instituição irá articular experiências e saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do património cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico promovendo o desenvolvimento integral das singularidades individuais e coletivas das próprias crianças.

No âmbito do projeto educativo da instituição e sempre ao encontro da sua imagem de marca “**A Saúde e o Bem-Estar**”, identifica-se como principal objetivo a indivisibilidade das dimensões:

- expressivo-motora;
- afetiva;
- cognitiva;
- linguística;
- ética;
- estética;
- e sociocultural;

... estabelecendo uma relação efetiva com a instituição, comunidade e família.

Como diretrizes principais consideram:

- A brincadeira como atividade fundamental;
- Importante o trabalho com os saberes que as crianças constroem, ao mesmo tempo, que elas próprias se apropriem de novos conhecimentos;
- Por fim, importante a organização dos espaços, tempos, materiais e recursos internos e externos envolventes que dispõem, para ajudar os pequenitos a construírem a sua identidade pessoal e coletiva de modo natural e harmonioso.

Caracterização do grupo de crianças

A sala dos cinco anos, da educadora Dina Peixinho, onde realizámos o nosso estágio relativamente à Prática de Ensino Supervisionada em Educação de Infância – Jardim de Infância, integrava 19 crianças, 8 meninas e 11 meninos com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos.

A maior parte do grupo de crianças provém da sala dos quatro anos, à exceção de uma criança que ingressou no ano letivo 2013/2014, ou seja, houve 18 renovações e 1 inscrição. No que diz respeito à dinâmica era um grupo muito ativo, alegre, meigo e autónomo na sua higiene.

As crianças adoravam explorar, interessam-se por atividades que despertem para a novidade e a descoberta do desconhecido, histórias, legos e jogar à bola. Gostavam também, de festas e eventos.

Aumentaram o período de tempo de concentração e de atenção tanto na realização das tarefas como no ouvir. Respeitaram as regras estipuladas. Contudo era necessário estar sempre a chamar a atenção principalmente para o barulho que fazem ou esperar pela sua vez para falarem. Começaram a ser seletivos e a eleger os seus melhores amigos. A maioria do grupo apresentava um nível de desenvolvimento adequado à sua idade.

Caraterização do Projeto Curricular de Sala

Para elaborar o projeto pedagógico começa-se por identificar os objetivos estabelecidos pela instituição no Projeto Educativo, quais os recursos disponíveis (no Estabelecimento, na Comunidade, nos Parceiros) e considerados desde o início pertinentes para o projeto pedagógico em causa.

O presente projeto irá articular experiências e saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do património cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico promovendo o desenvolvimento integral das singularidades individuais e coletivas das próprias crianças.

Definir o conjunto de estratégias e métodos para operacionalização dos objetivos propostos no Projeto Pedagógico. Importa referir de que forma se prevê fomentar o envolvimento das famílias, parcerias e comunidade na implementação do Projeto Pedagógico, bem como o relevo dado à prestação de cuidados às crianças para a concretização do Projeto Pedagógico.

O planeamento das estratégias e metodologias para a concretização deste projeto estará na base das interações, relações, práticas e vivências quotidianas da própria criança, permitindo que brinque, imagine, fantasie, deseje, aprenda, observe, experiencie, narre, questione e crie para que consiga construir em sintonia com a escola, família e comunidade a sua identidade pessoal e coletiva, num ambiente seguro, confortável e afetivo.

Posto isto, para este ano letivo teve como orientação:

- O desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis;
- O reconhecimento da criança a partir do que já sabe e valorizar os seus saberes, como fundamento de novas aprendizagens;
- A construção articulada do saber, o que implica que as diferentes áreas a contemplar não deverão ser vistas como compartimentos estanques, mas abordados de uma forma globalizante e integrada;
- A exigência de resposta a todas as crianças, o que pressupõe uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, em que cada criança beneficie do processo educativo desenvolvido em grupo.

A divulgação deste projeto pedagógico foi feita:

- aos pais em reunião;
- por correio eletrónico;
- estando disponível na sala, para consulta;
- através dos registos diários (plano de atividades, cuidados pessoais);
- nas conversas com os pais, nas festas, na participação dos pais nas atividades diárias, nas atividades de grupo, nas atividades com grupos de outras salas e com passeios ao exterior.

Ao longo do ano foram feitos contatos diários com os pais, pessoais e através do caderno correio. O plano de atividades da sala e respetivos horários estavam disponíveis na própria sala em lugar visível.

O Projeto de estágio

O meu projeto de intervenção foi concretizado na prática de ensino supervisionada em jardim-de-infância, no Centro Educativo de Solidariedade Social - EZN Fonte Boa, na sala dos 5 anos com a educadora cooperante Dina Peixinho e a auxiliar de ação educativa Cláudia Silva, com 19 crianças.

Neste sentido, e tentando responder às necessidades do grupo de crianças, o nosso tema do projeto de intervenção intitula-se **“Histórias, Arte e a Natureza”**, através deste tema tencionámos mostrar como é importante contar histórias no Jardim de Infância e de que maneira as podemos utilizar para a exploração do que nos rodeia e para a aquisição de novas aprendizagens. Com a criação deste projeto pretendemos:

- Criar atividades lúdicas e dinâmicas;

- Explorar diferentes formas de leitura;
- Aplicar atividades diversificadas;
- Promover novas aprendizagens às crianças;
- Desenvolver momentos lúdicos e divertidos que promovam competências socio-afetivas;
- Promover a relação estagiária-criança;
- Valorizar o espaço envolvente.

Fundamentação do Projeto

Para desenvolver o nosso projeto de intervenção, considerámos importante, em conjunto com a educadora cooperante, sabermos quais os interesses do grupo de crianças, os temas que a educadora pretendia trabalhar, quais os temas pelos quais a instituição se regia, entre outros. Perante o que nos foi apresentado, com as informações que recebemos e privilegiando o espaço envolvente, optámos por criar um projeto que ligasse as histórias com a arte e a natureza introduzindo atividades diversificadas e dinâmicas.

Segundo as OCEPE (1997:18) a educação pré-escolar pretende “*Estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas.*” Tendo em conta esta perspetiva a criança tem um papel ativo na interação com o meio que a rodeia pois, este fornece-lhe condições favoráveis para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Assim, conjugando as histórias e a arte com a natureza aleámos componentes para que a criança explore, e descubra tudo aquilo que a rodeia, aprendendo de uma forma mais lúdica e divertida, aplicando atividades para o desenvolvimento e aplicação das mesmas.

Quanto às Planificações, eu e a minha colega de estágio durante a semana de observação pesquisámos possíveis atividades que gostaríamos de desenvolver. Apresentámos à educadora cooperante e em conjunto ela aceitou algumas atividades, adaptámos outras e ela sugeriu novas. Todo o processo correu muito bem, apenas senti alguma dificuldade na descrição das atividades e estratégias que ia desenvolver na planificação. Na prática sabia como intervir e respetivos passos que tinha de seguir mas acabei sempre por ter dificuldades ao efetuar a descrição na planificação. Neste capítulo, a supervisora de estágio ajudou-me a melhorar as descrições das atividades/estratégias bem como o relacionar dos objetivos que pretendia com o seu “feedback”.

Exemplo de duas atividades realizadas

Ilustração 3 – Atividade no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, da matemática e da expressão plástica;

Nesta atividade mostrámos três imagens da história “*O espantalho enamorado*” e pedimos às crianças para descreverem as imagens e dizerem em

que parte da história se enquadra. Em seguida, explicámos o que é pretendido com a atividade, que consiste em recortar e colar momentos da história de forma ordenada e lógica. No final, chamámos as crianças uma a uma e falámos com elas sobre as imagens que recortaram e ordenaram, no sentido de perceber se compreenderam a história.



Ilustração 4 - Atividade no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, da matemática e da expressão plástica;

As crianças são divididas em grupos e sentam-se nas mesas onde têm as imagens dos animais da história e um saco com peças de lego, onde se têm de organizar e falar da

maneira como vão fazer o trabalho. Em seguida, explico o que é pretendido com a atividade, que consiste em as crianças com peças de lego formem um gráfico com a informação prévia que têm da história, fazendo contagens aos animais da mesma. Distribuo uma folha em branco por cada criança e peço para que desenhem na folha o que estiveram a fazer com os legos.

2. Reflexão das aprendizagens

2.1. Avaliação e autoavaliação dos estágios

Desde o dia em que eu e a Sara, o meu par de estágio, nos apresentamos nos locais de estágio que a nossa integração foi positiva. Fomos apresentadas às educadoras, às auxiliares e visitamos as salas onde íamos ficar a estagiar. Fomos recebidas pelas diretoras dos jardins que nos apresentaram às restantes educadoras. As educadoras cooperantes, receberam-nos muito bem, pondo-nos desde logo à vontade. As diretoras falaram-nos sobre algumas regras a ter em conta durante o estágio bem como da organização e funcionamento dos jardins.

Durante os estágios a minha relação com a Sara foi muito boa, entendemo-nos muito bem, sem conflitos. Organizámos, planificámos e refletimos juntas dando apoio uma à outra durante as atividades por nós organizadas. A relação com as educadoras e com as auxiliares também foi muito boa. Apoiaram-nos, ensinaram-nos, ajudaram-nos quando foi necessário.

No primeiro estágio, quanto à avaliação do grupo tínhamos as condições necessárias para fazer um bom trabalho, era um grupo muito ativo, alegre, meigo e tranquilo.

Avaliando as atividades e respetivos objetivos fiquei muito satisfeita porque correram bem, na sua maioria os objetivos foram alcançados. A interação com as crianças correu muito bem, não aconteceu o que normalmente acontece quando entram pessoas estranhas na sala e as crianças choram e ficam a um canto da sala. A nossa metodologia com as crianças passa muito pela exploração e experimentação do espaço, de diferentes materiais, de técnicas e de uma certa forma isso foi possível no nosso estágio.

De um modo geral a avaliação do estágio é positiva. Consegui saber logo na primeira semana a rotina da sala, alguns hábitos das crianças, algumas das suas características específicas. Juntamente com a minha colega de estágio procurámos sempre realizar atividades que desenvolvessem a motricidade fina e grossa, os sentidos, a exploração livre tendo sempre como objetivo de fundo o desenvolvimento da linguagem verbal em todas as situações e atividades realizadas.

No decorrer deste primeiro estágio surgiram, como é normal, algumas dúvidas que me levaram a investigar e a pesquisar de forma a desmistificá-las e a perceber tanto as atitudes das crianças como também a forma como devo agir perante algumas situações.

Durante uma reunião com a coordenadora do curso fiquei a saber qual o jardim e qual a faixa etária em que ia estar inserida sendo que tive o cuidado de obter alguma informação sobre essa idade de modo a melhor preparar o estágio. A educadora cooperante também nos foi falando e dando algumas informações sobre o grupo de crianças bem como as rotinas e o funcionamento da sala. A primeira dúvida surgiu antes mesmo de começar o estágio foi o trabalhar/atividades/estratégias a implementar.

Quando em conversa com orientador do primeiro estágio (creche) que as idades que ia estagiar era de 1 ano e que seria bom que o nosso projeto focasse no desenvolvimento da linguagem verbal por parte da criança. E, assim desenvolver experiências, atitudes, comportamentos e situações diversificadas que tenham em vista o desenvolvimento da criança a todos os níveis, com ênfase na linguagem verbal.

Por exemplo, as histórias e o seu contributo na promoção da linguagem. Fazer com que as crianças desenvolvam o interesse pela leitura é uma prática demorada e que se deve começar cedo, em casa com os pais e depois aperfeiçoar-se na escola. Existem fatores que influenciam o interesse das crianças pela leitura. O mais importante é determinado pela “atmosfera literária”, segundo Bamberg (2000,p.21), que a criança tem em casa. Ouvir histórias desde cedo, o contacto com os livros e a estimulação para a leitura fazem com que as crianças mostrem vontade para a leitura. Aqui os pais têm um papel fundamental, o despertar e motivar para a leitura.

Depois, o professor também contribui e influencia positivamente a leitura. Ele ensina as crianças a ler e a gostar de ler, através de histórias agradáveis e variadas, tendo em atenção o seu nível cognitivo e de maturação.

Outro ponto importante tem a ver com a variedade de estímulos que proporcionamos às crianças de modo a conseguir um maior envolvimento da parte delas. Numa atividade que realizei, por exemplo, levei uma guitarra clássica e alguns instrumentos para desenvolver uma atividade de música. Comecei por mostrar-lhes a guitarra e deixei-as explorar e mexer. Elas adoraram. Em seguida, com a ajuda da educadora, da auxiliar e da Sara cantámos e tocámos. Eles estavam a bater palmas, outras a dançar e outras simplesmente estavam a olhar. Entreguei vários instrumentos para explorarem, exemplifiquei e depois deixei-os a explorar. Por fim, ao mesmo tempo que eles “tocavam” a educadora, auxiliar e Sara cantaram e eu acompanhava com a guitarra. O resultado desta atividade foi muito positivo sendo o envolvimento das crianças muito elevado. Através desta atividade comprovou-se que basta uma alteração de estímulo numa situação “rotineira” para apresentar resultados mais satisfatórios.

Outra dificuldade foi qual o perfil e atitudes a ter com as crianças pequenas. Depois de uma breve pesquisa percebi que devido à minha experiência profissional, nos últimos 10 anos como professora, sou confrontada diariamente com situações que comprovam tudo isto. Crianças dos mais variados estratos sociais e com realidades únicas que muitas vezes passam despercebidas nas abordagens iniciais. Como tal, tento sempre traçar o perfil de cada criança em contextos diferenciados, sozinhas, na sua relação com os colegas, na relação sozinhas com os pais e com os colegas e pais ao mesmo tempo. Deste modo tento perceber qual a sua dinâmica social com a família e com os pares de modo a preparar o plano para essa criança, tendo a real noção das suas necessidades e motivações. Muitas vezes sou abordada por pais que indicam que o comportamento dos filhos é muito diferente do que vêm no jardim em relação ao que presenciam em casa, estas são as situações que me exigem um cuidado especial pois são indicadoras de que algum processo está a falhar. Quando isto acontece é importante dialogar com os pais de modo a perceber qual a estratégia a utilizar de modo a que a razão base dessa atitude, a falta de atenção em casa por exemplo, seja colmatada de modo a restabelecer o equilíbrio no “mundo” da criança.

Considero que o estágio que realizei contribuiu muito para o meu desenvolvimento como educadora. Se na minha experiência profissional sou confrontada com crianças de todos os estratos sociais, na escola onde estagiei, visto ser uma escola privada, as crianças muitas vezes têm realidades bem diferentes do que estava habituada. Se por um lado tento sempre manter a mesma base e princípios pelos quais tento gerir a minha sala por outro sinto que é necessário um esforço maior para perceber esta nova realidade. Se por um lado encontro pais mais preocupados, educados e interventivos no dia-a-dia da sala de aula por outro noto que as crianças necessitam de um esforço maior para lhes conquistar a atenção e proporcionar estímulos para o seu desenvolvimento.

Acredito que sem uma noção da individualidade de cada uma das crianças não é possível para mim como educadora proporcionares-lhe os estímulos necessários ao seu desenvolvimento. Existem os processos definidos e tento aplicá-los do modo mais adequado possível, mas a particularidade de cada um é que faz a diferença deste conceito em mente tento adequar os meus processos de modo a tornar a experiência na sala de aula o mais completa possível.

Como tal acaba por ser esta a minha principal dificuldade, perceber a dinâmica da criança fora da sala. É para mim o maior desafio dado que na maioria das vezes a quantidade de informação que tenho ao meu alcance não me permite tirar as conclusões necessárias de modo a perceber a dinâmica de cada um fora da sala.

Como as crianças nestas idades de creche estão ao nível do estágio sensório motor. Estágio em que o bebé percebe o mundo e atua nele, onde coordena as sensações vivenciadas com comportamentos motores simples. O bebé tem sensações e descobre o mundo. Neste período, os bebés desenvolvem a capacidade de reconhecer a existência de um mundo externo a eles, tendo autonomia para explorá-lo e construir sua percepção do mundo. Passam a agir não apenas por reflexo, mas direcionam os seus comportamentos tendo objetivos a alcançar.

Perante esta situação, surgiu-me a questão “Quais as atividades e estratégias a desenvolver em creche, para que os bebés passem para o próximo estágio com sucesso?”

No segundo estágio, fomos confrontadas com desafios que apresentaram um grau de dificuldade mais elevado, nomeadamente no que diz respeito à escolha de atividades que fossem adequadas para aquele grupo e correspondente faixa etária. A educadora cooperante desempenhou aqui um papel muito importante, aconselhando-me de modo a ajudar a ultrapassar esta dificuldade. Outra dificuldade está relacionada com a descrição das atividades e estratégias que ia desenvolver na planificação. Na prática sabia como intervir e os passos que tinha de seguir mas tinha sempre dificuldades ao efetuar a descrição na planificação. Neste capítulo, a supervisora de estágio ajudou-me a melhorar as descrições das atividades/estratégias bem como o relacionar dos objetivos que pretendia com o seu “feedback”.

Após ultrapassar as dificuldades iniciais de planeamento senti-me muito à vontade e confiante na realização das atividades. Para além disto, também me senti muito à vontade nos momentos de rotina, nomeadamente no acolhimento, nas refeições, orientá-los na higiene e acompanhá-los às atividades extracurriculares. Outro ponto positivo foi ter conseguido logo na primeira semana assimilar a rotina da sala, alguns hábitos das crianças e algumas das suas características específicas.

A relação construída com as crianças foi muito boa. Foi feita através do afeto, brincadeira e segurança/confiança, de forma a criar empatia. Gostei muito de brincar, falar, fazer jogos, cantar, dançar com elas, são crianças muito felizes e divertidas. Com a restante comunidade educativa tentei manter boa relação, principalmente com a educadora cooperante e a auxiliar da sala que sempre me ajudaram em tudo, nas dúvidas e nas atividades desenvolvidas.

Considero que foi um estágio muito importante para mim, a realidade vivida pela instituição permitiu-me ter experiências com as crianças diferentes do que esperava. Desde ver vacas a ser ordenhadas, ovelhas a serem tosquiadas e até dar leite com um biberon a um cabrito acabado de nascer foram situações que me

marcaram. O contacto com a Natureza é muito grande e tornou a experiência muito enriquecedora.

No decorrer do segundo estágio surgiram também algumas dúvidas que me levaram a investigar e a pesquisar, de forma a dar resposta ou a solucionar essas dúvidas. Como no estágio que fiz em creche as primeiras dúvidas que me surgiram mesmo antes de começar o estágio foi o que trabalhar/atividade e estratégias a implementar.

Quando fiquei a saber qual o jardim e qual a faixa etária em que ia estar inserida, tive o cuidado de obter alguma informação sobre essa idade de modo a melhorar preparar o estágio realizei algumas pesquisas na internet, especialmente em blogs de educadoras, que se revelou importante de modo a encontrar a atividade e ajudar a esclarecer algumas dúvidas, como por exemplo, se as atividades são adequadas à idade. Conseguir também informações em leituras que fiz e em conversas com educadoras desta faixa etária. A educadora cooperante também nos foi dando algumas informações sobre o grupo de crianças, rotinas e funcionamento da sala. O projeto educativo da instituição, intitulado “A Saúde e o Bem-Estar” que tem como diretrizes principais:

- A brincadeira como atividade fundamental;
- Importante o trabalho com os saberes que as crianças constroem, ao mesmo tempo, que elas próprias se apropriem de novos conhecimentos;
- A importante organização de espaços, tempos, materiais e recursos internos e externos envolventes que dispõem, para ajudar as crianças a construírem a sua identidade pessoal e coletiva de modo natural e harmonioso.

Perante estas diretrizes fiz algumas pesquisas sobre a criatividade que é a capacidade com o qual todos nascemos e que pode e deve ser estimulada e desenvolvida de diferentes formas. Através da arte, do brincar, do teatro, da música, do desporto. Desde sempre que o homem utiliza a arte como uma forma de expressar os seus sentimentos. Por ser mais fácil demonstrá-los através de um desenho ou de uma dança do que a falar com outros. Com as crianças tudo se passa da mesma forma, quando questionamos as crianças sobre um assunto, nem sempre partilham connosco mas, numa brincadeira na casinha ou com um adereço escolhido no cantinho das trapalhadas, conseguimos de uma forma natural perceber tudo o que as preocupa, angustia ou até mesmo lhes dá prazer. Não devemos “cortar” a criatividade de uma criança e quando ela brinca ao faz de conta, não deve nunca ser repreendida,

nem dizer “não é assim que se faz”, pois muitas vezes é no faz de conta que as crianças são elas próprias sem medos, sem receios de errar e sem que se criem expectativas à sua volta, por vezes tão difíceis de atingir. Com as crianças tudo pode ser trabalhado, criando ambientes em que elas podem ter liberdade de se expressar através da dança, do brincar, do teatro, da música, do desporto, entre outros. Nestas atividades não é a perfeição ou a obra que interessa, mas sim a atividade criadora, a imaginação, a criatividade e principalmente a emoção que se coloca nas diversas experiências. É tão importante aprender a ler e a escrever como é importante aprender a criar e a expressar as nossas emoções e sentimentos. Seja qual for a atividade utilizada. A verdade é que trabalhar com crianças é muito mais do que transmitir-lhes conhecimentos (matérias e conteúdos), mas mais importante ainda é saber sermos nós próprios, não temendo as falhas e sabermos lidar com as nossas frustrações.

Conseguir o envolvimento das crianças é fundamental em qualquer processo de aprendizagem, e as estratégias para conseguir são um dos grandes desafios para o educador. Uma atividade em que consegui sentir um grande envolvimento foi no decorrer de uma atividade sobre a história “O Nabo Gigante”, de Aleksej Nikolaevič Tolstoj. Comecei por contar-lhes, para eles e mais duas salas da instituição, a história projetada em PowerPoint. Elas adoraram. Em seguida, com a ajuda de um cartaz, falámos e explorámos a história. Nos dias seguintes, ainda utilizando a história, trabalhei a matemática através de contagens, tabelas de dupla entrada. Construímos um jogo de memória com imagens da história e por fim fizemos uma sopa de nabo e nabiça para o almoço. Ter pegado num tema e ter envolvido um grande número de estratégias no seu desenvolvimento acabou por ser uma mais-valia para conseguir um maior envolvimento. Acima de tudo quando as pequenas tarefas iam ficando concluídas e as crianças ficavam com um enorme sentimento de realização por terem feito parte do resultado final.

Este estágio revelou-se fundamental na minha decisão quanto ao tema do trabalho. Após estagiar na creche da escola João de Deus, onde se tem uma abordagem mais escolarizada, aqui fui confrontada com uma abordagem mais direcionada para as experiências e vivências das crianças. Se considerarmos que este é o último passo antes da entrada das crianças na escola levanta a seguinte questão: “Qual a estratégia que devemos utilizar para facilitar a sua transição nestas etapas?”

Após a realização de ambos os estágios ficou reforçada a minha necessidade de compreensão do impacto que cada metodologia tem, tanto positiva como negativamente, no processo de integração no 1º ciclo. Todas estas pedagogias, cada uma com o seu método, estimulam a aprendizagem do conhecimento e das atividades

do dia-a-dia de uma forma criativa. Penso que a junção de todas as pedagogias com o melhor dos seus métodos criativos podiam formar uma escola ideal.

Tendo em conta as questões levantadas levou-me a investigar mais sobre a literatura existente relativamente a este tema, investigação essa que entrarei mais em detalhe no capítulo seguinte.

Parte II – Pesquisa Realizada

1. Objetivos da Pesquisa

O meu tema de pesquisa foca-se na problemática da transição do pré-escolar para o 1º ciclo do ensino básico. O tema que escolhi é sem dúvida pertinente, cada vez mais os educadores e professores têm de estar despertos para encontrar estratégias e atividades que promovam a articulação curricular entre a Educação Pré-Escolar e 1.º ciclo e que possibilitem o sucesso escolar das crianças. A cooperação entre os profissionais de ambos os níveis educativos é essencial. O processo de transição da criança terá um impacto muito grande no seu desenvolvimento e deverá ser forçosamente “(...) uma passagem harmoniosa na e pela instituição” (Roldão, 2008, citado por Bravo, 2010: 17).

A articulação curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico é evidenciada nos documentos legais dando grande ênfase ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem e à formação do indivíduo ao longo da vida.

É de considerar as especificidades curriculares mas em simultâneo é preciso criar bases entre os dois contextos, organizando currículos que sustentem em experiências de aprendizagem em continuidade. Deve partir dos profissionais (professores/educadores) a necessidade de criar espaços de partilha e colaboração, no sentido de promoverem atividades conjuntas, evitando as barreiras entre os dois níveis facilitando o processo de transição das crianças.

Mais importante que a criação de agrupamentos de ensino e das vantagens que possam trazer, é a criação de diálogo entre os profissionais. É preciso que se envolvam na ação, que criem relações e que estejam dispostos para a mudança e inovação.

Para (Bravo, 2010: 123), *“o êxito da articulação depende da abordagem e da crença dos diversos intervenientes e os seus resultados positivos são conquistados, quando formos capazes de, como docentes, termos uma postura de partilha e de espírito colaborativo.”*

A articulação é de extrema importância para as crianças, pois estas criam muitas expectativas sobre a sua entrada na escola e muitos dos possíveis receios são desmistificados na primeira manhã que lá passam, além de que lhes permite que conheçam uma nova realidade, um novo espaço. Pode-se afirmar que a articulação curricular, sendo preocupação das educadoras de infância e das professoras do 1.º Ciclo, não passa de um momento circunstanciado no tempo.

É fundamental que os professores desenvolvam atividades que promovam a articulação curricular, encarando-a “(...) como uma prática de gestão curricular executada entre docentes dos diferentes níveis e ciclos de ensino alicerçada em práticas colaborativas efetivas de trabalho e reflexão” (Aniceto, 2010: 82). Sendo um tema atual é necessário apostar na formação inicial e contínua dos educadores e professores a este nível.

Ao longo de toda a nossa vida como adultos somos constantemente confrontados com situações que implicam mudança e aceitação de novas realidades, se desde cedo criarmos nas crianças a noção de que “a mudança não é má” acredito que iremos ter adultos que mais facilmente enfrentarão todas as contingências que ao longo da vida os espera.

O presente trabalho pretende estudar a *transição nas primeiras idades*. Esta problemática surgiu quando a nível profissional estive a trabalhar numa sala de pré-escolar com crianças com idades de 5 anos. As crianças brincavam nos cantinhos, recreio, jogos de mesas, plasticina, etc., mas na maior parte do tempo faziam atividades com histórias, fichas das três áreas do conhecimento e até tinham um manual.

Como referia anteriormente, os meus estágios deram-me a possibilidade de ser confrontada com duas realidades de ensino muito diferentes. No que diz respeito às duas instituições, na valência creche, o seu funcionamento e a organização são muito parecidos, trabalham com as crianças o seu nível sensório-motor. Apesar das semelhanças entre as duas instituições o Jardim-Escola João de Deus acaba por estar mais virado mais para atividades dentro da sala e a CES Fonte Boa para o exterior e a natureza.

No entanto, ao nível da valência pré-escolar, as instituições são muito distintas. No Jardim-Escola João de Deus, as crianças começam logo a ser “escolarizadas”, logo desde os cinco anos que as crianças aprendem a ler tendo já na sala de aula um ambiente similar ao do 1º ciclo. Na CES Fonte Boa as crianças do pré-escolar exploram o exterior, a natureza, ouvem histórias, exploram-nas têm contato com as letras, com números e com a área do conhecimento do mundo. Todo este processo decorre de uma forma suave e pouco “escolarizada”.

Neste sentido surgem as seguintes situações despertaram a minha atenção levantando algumas dúvidas relativamente a:

- Quais são as práticas desenvolvidas na educação pré-escolar para preparar as crianças para a transição para a escola?

- Quais são os exemplos considerados mais positivos e negativos seguidos pelas educadoras e professoras do 1º ciclo?
- Quais as principais dificuldades sentidas por estas no processo de transição?

Destas questões surgiram os seguintes objetivos:

- Identificar as práticas mais frequentes na educação pré-escolar para preparar as crianças para a transição para a escola;
- Conhecer os exemplos positivos e negativos seguidos pelas educadoras e professoras do 1º ciclo.
- Detetar as principais dificuldades no processo de transição;

De modo a atingir os meus objetivos realizei uma pesquisa onde procurei encontrar mais informação teórica relativamente a esta temática da transição.

2. A Transição entre o Jardim de Infância e a Escola

Para melhor perceber o conceito de transição temos de começar por outro conceito que está intimamente ligado ao anterior e que muitas vezes é o principal responsável pela dificuldade de sucesso do processo de transição, a “resistência à mudança”. O Ser Humano desde que nasce que é um ser social, inicialmente no seio familiar começa a formar a sua entidade, começando a perceber o mundo que o rodeia e definindo o seu papel dentro dele. É dentro deste primeiro grupo que a criança encontra conforto, as suas rotinas, percebe o seu enquadramento no Mundo e o que o Mundo tem para lhe oferecer. Se considerarmos este primeiro núcleo social em que a criança está inserida percebemos que mesmo dentro deles vão existindo um conjunto de processos que implicam adaptação, quando a criança muda do berço para a cama, quando tem de largar a chucha ou quando aparece um novo elemento no seio familiar que não existia antes. Estes processos são o que chamamos de transição. Segundo o dicionário transição é “ato ou efeito de passar de um lugar, de um estado ou de um assunto para outro; passagem que comporta uma transformação progressiva; evolução” (in <http://www.infopedia.pt/>), e é exatamente esta transformação que iremos sujeitar na vida da criança que acarreta um conjunto de situações para as quais necessitamos de criar condições para que aconteça do modo mais fácil para a criança aceitar.

Ao considerarmos o percurso evolutivo da vida de uma criança encontramos muitos momentos de transição, à medida que vai adquirindo mais conhecimento do mundo que a rodeia e que se vai desenvolvendo como individuo vai estar sempre exposta à necessidade de evoluir e se adaptar, mas é aqui que podemos considerar que existem contextos que tornam algumas transições mais difíceis que outras. Um fator que podemos considerar como diferenciador é o contexto em que essa transição ocorre. Se considerarmos as transições que ocorrem nesta primeira fase da vida da criança constatamos que contam sempre com um suporte que funciona como “coordenador/moderador” de todo o processo, a entidade paternal. São os pais, que desde o início da vida da criança, que estão presentes e personificam o conforto e segurança que a criança necessita para aceitar e estas mudanças que ocorrem na sua vida. Mas quando falamos da transição do ambiente familiar para creche iremos introduzir um contexto ao qual a criança não está habituada. Nesta transição retirarmos os pais do cenário, iremos retirar à criança a entidade que representa o conforto e segurança que facilita a aceitação do desconhecido.

Muitas vezes esta mudança no contexto ao retirar a intervenção direta e constante dos pais é também acompanhada de uma mudança cultural, onde a nova sociedade onde a criança se vai inserir é diferente daquela da qual fazia parte, quer em intervenientes quer em rotinas, “[...] implica sempre perda a separação de algo conhecido e, simultaneamente, a integração num contexto novo e desconhecido, envolvendo o medo do que é estranho, o abandono de rotinas estabelecidas e a aprendizagem de comportamentos e atitudes adequados aos novos ambientes (sociais e físicos) (SIM-SIM, 2010, p. 110).”

Como refere Vasconcelos (2007) há que “cuidar das transições”, processo que passa por um maior trabalho conjunto, envolvendo adultos e crianças. Temos de ter em conta que muitos dos receios que afetam as crianças são transmitidos pelos adultos, quer sejam os educadores e professores quer sejam os familiares.

Segundo Bento (2007), citado por Alves e Vilhena (2008), a transição deve constituir-se com um processo natural de modo a não se tornar penoso para as crianças, por isso, há que estabelecer estratégias que absolvam os constrangimentos e é fundamental que haja “empenhamento, responsabilidade, abertura de espírito e disponibilidade por parte dos docentes” (Marchão, 2012: 38).

Devem-se encontrar estratégias facilitadoras através de práticas educativas entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, permitindo “aprofundar temáticas comuns, estreitar laços e limar arestas diminuindo os distanciamentos existentes” (Aniceto, 2010).

2.1. Impacto das transições no desenvolvimento e aprendizagens da criança

Quando consideramos os pontos fundamentais para o correto desenvolvimento das crianças existe um que sobressai como prioritário, a estabilidade e segurança no contexto onde a criança está inserida. Quando a criança faz a passagem do ambiente familiar para a creche ou pré-escola existe uma rutura com hábitos que tem de ser efetuada de um modo muito controlado. A criança perde as referências que tem em casa (a mãe e família), ser o foco de toda a atenção, para ser enquadrada num meio onde existem mais crianças, com rotinas diferentes saindo da sua zona de conforto para ser inserida num ambiente diferente. Este processo envolve a identificação de novas referências e rotinas de modo a encontrar a segurança e conforto evoluindo para um desenvolvimento equilibrado e saudável.

Atente-se que na passagem da pré-escola para a escola primária considera-se que esta transição levanta as mesmas questões que a criança encontrou anteriormente. A maturidade da criança é diferente mas o impacto continua a ser grande pois a criança perderá as referências que tinha anteriormente. Saliente-se que para a maioria das crianças a pré-escola e a educadora “são encaradas” como a sua escola e a sua professora, por isso ao fazer a mudança teremos de conseguir que o processo seja suave pois no fundo é isso que a criança espera. Se essa transição for feita de um modo muito agressivo corremos o risco de a criança não aceitar o novo ambiente, criando nela a ideia de “gostava mais da outra escola e da outra professora”.

Aqui existem dois “agentes” fundamentais para tornar este processo mais fácil para a criança, a família e os educadores/professores. A família tem de ser envolvida neste processo e desempenha um papel essencial dado ser a referência que a criança nunca esquece. Os pais devem estar atentos e gerir as expectativas da criança, criando a estabilidade e conforto necessários e para aceitarem mais facilmente esta transição. Os educadores, professores e instituições, devem articular os currículos e atividades de modo a evitar o “choque” da mudança na criança. A articulação do papel dos pais com o dos educadores consegue minimizar o impacto que a transição vai causar, dando à criança o conforto e segurança para aceitar esta nova etapa na sua vida.

2.2. Transição entre a Educação Pré- Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico – “Continuidade Educativa” e “Articulação Curricular”

No que diz respeito à organização curricular da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico é fundamental considerar a Educação Pré-Escolar numa perspetiva de continuidade educativa, encarando-a “(...) *como a base do processo de educação ao longo da vida*” (Silva (2001), citado por Serra, 2004: 70).

Segundo Zabalza (2004), citado por Cruz (2008: 74) “*a ideia de continuidade está subjacente à de união, coerência e complementaridade*”. É importante que, deste modo, que haja uma ligação entre os diferentes ciclos e que se complementem um ao outro, pois neste processo pretende-se que cada novo ciclo tenha em conta as aquisições das crianças, uma vez que “*continuidade não implica repetição, implica introdução ao que é novo, a novas tarefas, apoiadas em significados construídos e experienciados*” (Woodhead (1981), referido por Marchão, 2002: 34).

Cruz (2008: 74) define continuidade educativa “(...) *como um processo global de formação do indivíduo que se desenvolve em etapas harmoniosamente conectadas, em que umas condicionam as outras, por recurso a estratégias de complementaridade de recursos físicos e humanos*”. A continuidade na aquisição de conhecimentos respeita a forma como estão organizadas as matérias curriculares, de forma sequenciada ao longo dos vários níveis educativos, pois cada ciclo deverá ter em conta os conhecimentos adquiridos. Temos de considerar o desenvolvimento das crianças e as suas capacidades de aprendizagem em cada nível, de forma flexível pois cada criança tem o seu próprio ritmo de aprendizagem.

Por isso, os professores dos dois ciclos necessitam de ter uma boa gestão do currículo criando estratégias de articulação curricular, porque só assim conseguem ter um processo de continuidade educativa com resultado positivo. Os educadores e professores têm de realizar um trabalho em conjunto para conseguir, enquanto gestores do currículo, estabelecerem pontos de ligação, discutirem e relacionarem-se em equipa, ampliando o conceito de transição e organizando atividades adaptadas para que o processo de mudança ocorra de modo natural, não pondo em causa o sucesso educativo das crianças.

Segundo Aniceto (2010) a articulação curricular pode ser definida como “o estabelecimento de mecanismos teóricos e práticos, suscetíveis de encontrarem respostas adequadas e facilitadoras do processo de transição entre níveis e ciclos diferentes, apoiados nos conhecimentos e vivências anteriores da criança, promovendo a construção de saberes e competências, entre docentes do Pré-Escolar e do 1.º CEB, na base do desenvolvimento de formas de trabalho colaborativo e de novas formas de organização do trabalho ao nível dos órgãos de coordenação” (Aniceto, 2010: 83).

A articulação curricular e a continuidade educativa relacionam-se e complementam-se, mas, existem diferenças entre as duas. Segundo Dinello (1987: 60), “a continuidade educativa é uma percepção exterior do fenómeno, enquanto que numa observação mais profunda se compreende a necessidade de uma articulação para um maior aproveitamento dos ciclos, certamente ligados, mas intrinsecamente diferenciados. Na visão da continuidade aparece uma imagem do produto objetivado, na articulação é o processo que se dimensiona”. Deste modo podemos ver a articulação curricular como o modo com interligamos os diferentes níveis educativos enquanto a continuidade educativa reporta ao modo como estão os saberes organizados.

Segundo Morgado e Tomás (2009), (citados por Barbosa, 2010: 11), a articulação curricular fundamenta duas grandezas, ainda que distintas, são complementares:

- a articulação curricular horizontal, diz respeito “à identificação de aspetos comuns e à conjugação transversal de saberes oriundos de várias áreas disciplinares (ou disciplinas) de um mesmo ano de escolaridade ou nível de aprendizagem”, acontece com as áreas de conteúdo, ou disciplinas do mesmo ano.
- a articulação curricular vertical, define-se como “a interligação sequencial de conteúdos, procedimentos e atitudes, podendo esta verificar-se tanto ao nível de um mesmo ano de escolaridade, como de anos de escolaridade subsequentes”, diz respeito à continuidade educativa e sugere as transições entre ciclos educativos.

Serra (2004) considera existirem três tipos de articulação:

- a articulação curricular espontânea, formar-se de um modo natural, resultado da proximidade geográfica entre as instituições e da qual surgem projetos que envolvem dois níveis educativos;
- a articulação curricular regulamentada, surge de obrigações legais e que constam dos documentos das escolas;
- e, a articulação curricular efetiva, realizada por docentes e alunos de forma consciente e contínua, na sua participação e envolvimento.

Por sua vez, a articulação curricular efetiva, segundo (Serra, 2004), pode-se dividir em três níveis que descrevem o investimento dos professores e educadores na articulação curricular.

- Articulação curricular ativa, caracteriza-se pelo conhecimento profundo dos dois níveis educativos, pelos educadores e professores, bem como das possibilidades de trabalharem em conjunto, tendo como mais-valia as semelhanças e diferenças dos dois níveis educativos e as faixas etárias a que se destinam. São otimizados os recursos existentes, quer na escola, quer no jardim-de-infância, e os professores estão efetivamente empenhados em encontrar práticas educativas que promovam a articulação curricular entre os dois níveis.
- Articulação curricular reservada, caracteriza-se por uma atitude menos voluntária, mais expectante, não empenhando todos os recursos e vontades, antes esperando que algo aconteça. Não denotando falta de interesse, pode admitir-se que, pontualmente, sejam tomadas decisões

conjuntas entre docentes dos dois níveis educativos quando razões consideradas muito fortes o justifiquem.

- Articulação curricular passiva, caracteriza-se por um certo desapego dos seus encargos nesta área. A articulação curricular, se houver, resulta da proximidade geográfica das instituições, o que facilita a convivência entre as crianças nos recreios e nas saídas. Faltar às reuniões, reação ao trabalho em conjunto com professores de outros níveis, poderão ser sinais deste tipo de articulação.

Não devemos esquecer o cenário em que a articulação não acontece - a não articulação. Estamos perante esta categoria quando as escolas, as instituições, os professores e as crianças, de diversos níveis educativos não estabelecem qualquer tipo de contato e/ou relacionamentos. Os professores limitam-se a conhecerem unicamente o currículo do nível onde lecionam, não demonstrando interesse ou preocupação em conhecer o dos níveis antecedentes ou subsequentes.

Caracterizados os diferentes níveis de articulação curricular irei proceder a uma análise dos referenciais legislativos e o papel que conferem à articulação entre níveis de educação e ensino. Assim, o cuidado com a articulação remonta aos anos 70 na publicação do Decreto-Lei n.º 542/79 (Estatutos dos Jardins de Infância), porque refere-se no preâmbulo, alínea d), a criação de *“mecanismos que garantam a articulação sequencial com o ensino primário.”*

No final dos anos 80 foi publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86) que foi alterada, passando a ser apresentada como Lei 49/2005 que, no artigo 8º, ponto 2), frisa a relevância da articulação entre ciclos e calcula que se deve respeitar *“a uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada nível a função de completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, numa perspetiva de unidade global do ensino básico”*; no entanto, esta preocupação com a articulação não se situava ao nível da Educação Pré-Escolar.

Com a Lei 5/97 publicada em 1997 é reconhecida a importância da Educação Pré-Escolar ao considera-la como parte integrante da Educação Básica, neste caso, como a primeira etapa de todo o processo.

Formosinho (1997), citado por Carvalho (2010: 62), considera que *“a conceptualização da educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica arrasta imediatamente a questão da sua articulação como segunda etapa – o (...) 1.º ciclo do ensino básico. O sucesso da educação pré-escolar depende do modo como for continuada no nível seguinte. Daí que seja essencial articular mudanças na educação pré-escolar com mudanças no 1.º ciclo do ensino básico.”*

Também as OCEPE (Despacho n.º 5220/97) referem que *“cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória. (...) é também função do educador proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1.º ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória”* (ME, 1997: 28).

Em 1998 é publicado o Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio, com o intuito de promover a autonomia das escolas, referindo no artigo 6.º que *“a constituição de agrupamentos de escolas considera, entre outros, critérios relativos à existência de projetos pedagógicos comuns, à construção de percursos escolares integrados, à articulação curricular entre níveis e ciclos educativos (...)”*.

Também o Decreto-Lei 6/2001, no artigo 3.º, alíneas a) e b), refere que *“a organização e a gestão do currículo subordinam-se (...) a princípios orientadores [como a] coerência e sequencialidade entre os três ciclos de ensino básico e articulação com o ensino secundário; [e] integração do currículo e avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem.”* Deste modo considera-se a realização de projetos comuns onde participem professores e crianças de ambos os ciclos, perspetivando a colaboração e o conhecimento das diferentes realidades educativas, facilitando o processo de transição (Bravo, 2010). Esta noção deu origem em 2007 à criação por parte da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do documento *“Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar – Contributos para a sua Operacionalização”* com o objetivo de orientar essa mesma articulação entre as duas etapas.

Na mesma Circular refere-se que, *“a articulação entre as várias etapas do percurso educativo implica uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada etapa a função de completar, aprofundar e alargar a etapa anterior, numa perspetiva de continuidade e unidade global de educação/ensino.”*

No ano seguinte é publicado o Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de Abril, referindo no artigo 43.º que *“a articulação e gestão curricular devem promover a cooperação entre os docentes do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, procurando adequar o currículo às necessidades específicas dos alunos.”*

Em síntese e como refere Carvalho (2010), os atuais documentos legais apontam para uma união positiva entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, iniciando um trabalho em conjunto, promovendo a articulação curricular que ajuda na formação efetiva para o sucesso educativo.

3. Metodologias de recolha e análise de dados e apresentação dos participantes da pesquisa

Uma investigação científica pode ser realizada de acordo com um de vários modelos investigativos, porém, toda a investigação científica será desenvolvida segundo um destes três paradigmas, quantitativa, qualitativa ou mista.

A investigação quantitativa baseia-se no uso de instrumentos de recolha de dados quantitativos, como questionários de resposta fechada em que os resultados finais são apresentados num relatório do tipo estatístico.

A investigação qualitativa é a mais utilizada em educação e, logo, é aquela sobre a qual se inclinará mais o meu trabalho, baseia-se na utilização de instrumentos de recolha de dados do tipo qualitativo, como a observação participativa ou a utilização de entrevistas. As investigações deste tipo apresentam os seus resultados sob a forma de um relatório do tipo narrativo com descrições contextuais e citações dos participantes.

A investigação mista é uma mistura da investigação quantitativa e da qualitativa. Esta investigação pode aproximar-se mais de uma das anteriores investigações ou o grau de semelhança a cada uma delas pode ser muito variado. (in <http://ketacosta.blogspot.pt/2008/04/investigao-quantitativa-qualitativa-ou.html>)

A investigação qualitativa é a mais utilizada na educação pois considera o comportamento como sendo variável e situacional. Este princípio é muito importante quando estamos a estudar a interação relacional que se desenvolve no ambiente da escola e da sala de aula. A importância do contexto é fulcral pois os comportamentos e as reações dos atores educativos estão intrinsecamente dependentes daqueles que os rodeiam bem como do ambiente em que estão, ou não, integrados. Daí que a investigação qualitativa se preocupe em descrever o contexto e contextualizar todas as ações e reações dos participantes na investigação. Esta investigação é, sobretudo, do tipo indutivo pois a hipótese de teoria só surge a partir da investigação. São feitas observações de determinadas situações e comportamentos e a verificação de um padrão é o que desenvolve a hipótese ou teoria final.

O problema do estudo tem uma grande importância na escolha da metodologia a ser utilizada, essa escolha tem de se basear no tipo de dados que se pretende recolher. Mas também depende do investigador, das suas características como pessoa, da forma como se relaciona com o contexto da investigação empírica.

O paradigma interpretativo manifesta-se através da metodologia qualitativa, onde *“a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o*

instrumento principal (...) que se interessa mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan e Biklen, 1994, pp. 47-49). Como tal, e tendo em conta o problema do presente estudo, a opção metodológica é a investigação qualitativa e interpretativa, da transição das crianças do pré-escolar para o 1º ciclo.

A investigação qualitativa apresenta cinco características, segundo Bogdan e Biklen (1994):

- (i) “O ambiente natural é a fonte direta dos dados e o investigador é o instrumento principal sendo a sua grande preocupação o contexto, pois o comportamento humano é variável consoante a ação onde ocorre;
- (ii) Trata-se de uma investigação descritiva, os dados recolhidos são palavras ou imagens e não números. Os dados recolhidos incluem transcrições de entrevistas, notas de canto, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais;
- (iii) Os investigadores interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos;
- (iv) Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, não para confirmar ou deduzir hipóteses construídas previamente, mas as abstrações vão sendo construídas à medida que os dados recolhidos se vão agrupando;
- (v) Ao apreender as perspetivas dos participantes, a dinâmica interna das situações será frisada, o que se perdia em caso de observação exterior. A preocupação com os participantes da investigação é contínua para entenderem o que experimentam, como interpretam e como estruturam o mundo social onde vivem” (pp.47-51).

Nas investigações qualitativas podemos investigar diferentes técnicas da recolha de dados. A recolha de dados neste estudo foi exclusivamente feita por mim (investigador), baseando-me fundamentalmente nas entrevistas através de um guião, às educadoras e professoras.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1992, p.208), o método da entrevista é particularmente relevante porque se pode analisar o sentido que os entrevistados atribuem às situações com que são confrontados, considerando-se como principal vantagem o grau de profundidade dos dados retirados para análise.

O plano surge como um guião de referência, no entanto, o entrevistador aborda este plano de forma flexível, consoante as respostas dadas pelo entrevistado. Pretende-se que o participante responda às questões, adaptando-se o

desenvolvimento da entrevista ao entrevistado e, mantendo um elevado grau de liberdade na exploração das questões (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.192).

As entrevistas variam quanto ao grau de estruturação, e deste modo consideram-se quatro critérios:

- **a entrevista aberta**, na qual o entrevistado tem total liberdade para dizer o que quiser acerca do tema que o entrevistador lhe der;
- **a entrevista fechada**, na qual as perguntas são muito diretas, precisa e dirigidas;
- **a entrevista não estruturada**, permite maior liberdade de atuação, pois não há um guião. Existe um tema e as perguntas vão sendo elaboradas consoante as respostas que o entrevistado for dando.
- **a entrevista semiestruturada**, caracteriza-se pela elaboração de algumas perguntas (ou seja o guião) não totalmente diretas de forma a que as respostas também não o sejam.

Para desenvolver a minha pesquisa recorri à pesquisa bibliográfica e à realização de entrevistas.

A pesquisa bibliográfica foi a metodologia de pesquisa e análise de bibliografia para o tema em estudo: “Transição nas primeiras idades: a entrada na escola”. E, nesta investigação, para complementar esta informação na pesquisa a entrevista mostrou-se essencial, visto que foi o método de pesquisa que mais se ajustou para a recolha de dados, pois vai melhorar o meu estudo, através das opiniões, pensamentos e ações das educadoras, professoras entrevistadas.

Foi com base neste pressuposto que construí os guiões de entrevista (anexo 1), que se caracteriza pela elaboração de um guião com perguntas, antecipadamente preparadas, não totalmente diretas de forma a que as respostas também não o sejam.

De modo a validar o guião da entrevista realizei uma entrevista testagem (Anexos 2 - entrevista identificada com “T”) onde apenas foram sugeridas alterações pontuais relativamente à linguagem utilizada. No que diz respeito às perguntas efetuadas não houve mais nenhuma alteração ao guião inicial.

Para este processo de entrevistas é necessário que a amostragem seja a mais diversificada possível, incluindo em percentagens semelhantes Educadoras de Infância e Professoras, 5 educadoras e 4 professoras, sendo que as faixas etárias e anos de experiência sejam igualmente repartidos. Foi tido em conta também o contexto social das escolas onde estão neste momento a lecionar, de modo a que as entrevistas reflitam também essa variável. O funcionamento da própria escola foi também tido em dado que os modelos utilizados entre IPSS e Público apresentam

algumas diferenças que podem impactar o processo, por exemplo, a utilização de salas agrupadas por idade versus salas mistas. Das 9 entrevistas realizadas 3 estão atualmente a lecionar em IPSS, 2 em Jardim de Infância Público e 4 em escolas públicas do primeiro ciclo de dois agrupamentos diferentes.

A preparação do processo de análise dos dados iniciou-se com a agregação de todas as repostas dadas para cada uma das questões, efetuando a separação por educadora e professora (Anexo 3). De seguida foi realizada uma análise a cada uma das respostas dadas nas entrevistas e retiradas as frases chave de cada uma delas (Anexo 4). De seguida foram agrupadas essas frases chave de modo a entender quais as principais ideias transmitidas pelos entrevistados nessas com as suas afirmações. Estas ideias serviram para a definição das sub-categorias que ajudaram no processo final de análise das entrevistas onde cheguei às conclusões (Anexo 5).

3.1. Caracterização dos entrevistados

Para manter a confidencialidade, os entrevistados serão identificados por letras maiúsculas, ou seja, educadora A (EA), educadora B (EB), educadora C (EC) e educadora D (ED). A professora A (PA), professora B (PB), professora C (PC), professora D (PD) e professora E (PE). Para a testagem considera-se T (T).

Entrevistados	Sexo	Idade	Habilitações Académicas	Anos de Serviço	Idade/Ano de Escolaridade	Tempo de serviço na instituição
T	F	32	Educadora de Infância Licenciatura	9 anos	5 anos	9 anos
EA	F	42	Educadora de Infância Licenciatura	21 anos	2/3 anos	12 anos
EB	F	39	Educadora de Infância Licenciatura	16 anos	5 anos	16 anos
EC	F	39	Educadora de Infância Licenciatura	15 anos	½ anos	15 anos
ED	F	48	Educadora de Infância Bacharelato	25 anos	Grupo Misto (dos 3 aos 5 anos)	1 ano
PA	F	42	Professora Licenciatura	20 anos	1º ano	13 anos

PB	F	44	Professora Licenciatura	23 anos	1º ano	7 anos
PC	F	47	Professora Licenciatura	25 anos	3º ano	12 anos
PD	F	31	Professora Licenciatura	8 anos	4º ano	8 anos
PE	F	36	Professora Licenciatura	13 anos	2º anos	1 ano

Tabela 2 – Caracterização dos entrevistados

4. Apresentação e Análise dos Dados

Nas entrevistas realizadas tinha como principais objetivos identificar como é que na prática é encarado o processo de transição tanto pelas educadoras como pelas professoras do 1º ciclo. Tentei identificar exemplos de boas e más práticas bem como as estratégias desenvolvidas e as dificuldades encontradas na sua aplicação (o guião destas entrevistas pode ser encontrado no Anexo 1).

Os entrevistados foram bastante participativos tendo fornecido um contributo fundamental para a realização deste trabalho (as respostas podem ser encontradas nos Anexos 2 e 3). Por fim efetuei uma análise das respostas, recorrendo a metodologias de análise e de conteúdos, optando de seguida por definir um conjunto de categorias e subcategorias baseados nas perguntas efetuadas. Por fim fiz uma escolha de algumas das principais respostas para as encaixar nas subcategorias definidas (esta análise dos dados pode ser encontrada no Anexo 4)

Em todas as entrevistas é possível constatar que a passagem do pré-escolar para o ensino básico é algo que é preparado e trabalhado durante bastante tempo. São definidas estratégias quer por parte dos educadores quer por parte dos professores de modo a criar as condições nas crianças para encararem a mudança como algo muito positivo no seu percurso de vida.

No que diz respeito às educadoras existe uma preocupação grande em realizar um conjunto de atividades para preparar do melhor modo as crianças que acaba por ser a grande prioridade do último ano de pré-escolar. No que diz respeito aos professores encontramos a mesma preocupação de modo a facilitar a entrada das crianças no primeiro ciclo.

Analisando cada uma das categorias temos o seguinte:

Importância do momento de transição

Nesta subcategoria todos os entrevistados consideraram a importância deste momento de transição salientando o impacto que a mesma tem em todo o percurso escolar da criança. Tanto educadores como professores consideram que é um processo que envolve muita vontade da parte das crianças em começar a nova etapa mas ao mesmo tempo sempre acompanhado de um receio do desconhecido.

A passagem do J.I. para o 1ºciclo, é um momento marcante e importante na vida da criança e cabe nós educadores proporcionar as condições para elas façam uma aprendizagem com sucesso de forma a facilitar a transição para a escola do primeiro ciclo. [EC]

Preparação da transição

Ao analisar as respostas das educadoras entrevistadas constatei que a preparação das crianças para este processo é muito importante, tentando ajustar as atividades o melhor possível de modo a facilitar todo o processo transitório.

No meu entender todas as atividades organizadas e planeadas em jardim-de-infância visam o desenvolvimento de capacidades, habilidades, conhecimentos, experiências que irão ser um suporte importantíssimo na vida futura da criança...nomeadamente no momento de transição para a escola! **[EA]**

No que diz respeito às professoras também existe uma preocupação grande com todo o processo, sendo referido que o início do ano letivo acaba por ser direcionado a identificar o modo como vai ser realizado a integração das crianças nesta nova fase.

No início do primeiro ano, particularmente, nas primeiras semanas de aulas há um conjunto de atividades e de cuidados/atenções que existem como ponte para tornar a passagem o mais tranquila possível. **[PA]**

Foi também curioso constatar que estamos perante um processo que indica ser na sua maioria controlado pelas próprias educadoras. Cada uma tem a sua própria estratégia em função dos que tem disponível e do tipo de alunos que tem na turma. É referido visitas à escola para onde as crianças vão transitar ou simulação do ambiente de sala de aula no jardim.

Nestes 15 anos de serviço, nem sempre preparei da mesma forma os diferentes grupos de crianças! Cada grupo é diferente, e a própria exigência da escola também o é! **[EC]**

Tentam também identificar as dificuldades das crianças de modo a conseguir ultrapassar essas limitações para facilitar o processo de transição.

Boas práticas de atividades e estratégias

Aqui constatamos que para todos os intervenientes o ponto mais importante acaba por ser mesmo a informação, quer seja dos alunos, pais ou elementos do sistema educativo envolvidos. É uma altura de muitos receios quer para as crianças quer para os pais, e é reconhecido por todos que se todas as partes estiverem devidamente informadas do que os espera mais facilmente conseguem estar preparados e seguros com todo o processo.

Proporcionar à criança momentos em que adquira autoconfiança, resiliência, saia lidar com a frustração e que veja mudança como um desafio. Assim a criança torna-se mais positiva, forte, criativa e confiante. [PD]

Visto isto temos como principais exemplos de práticas as visitas à nova escola, conversas com os pais ou até mesmo apresentação da nova professora às crianças.

Más práticas

Também existem queixas, nomeadamente no que diz respeito à relação com os docentes do 1º Ciclo muito graças à falta de articulação entre ambas as partes.

Inexistência de envolvimento dos dois níveis, existem certas dúvidas que os educadores têm em relação à abordagem à escrita, que seria importante esclarecer com as professoras. Muitas vezes as professoras também não têm noção dos conteúdos que são abordados no pré-escolar e “reclamam” os comportamentos das crianças..., Resultado da desarticulação. [EB]

Esta questão acaba uma das que considere fundamentais nas entrevistas, tendo confirmado que a falta de comunicação acaba por ser o maior entrave ao sucesso do processo de transição. Ambas as partes, educadores e professores, depositam uma grande dose de tempo e energia de modo a tornar este processo o melhor possível, mas a falta de comunicação entre as partes acaba por enfraquecer esses esforços.

Importância do acesso da professora do 1º ciclo à avaliação da criança referente ao JI

É importante referir que os processos definidos contemplam as reuniões entre educadores e professores de modo a facilitar o processo de transição das crianças, mas na prática as mesmas ocorrem já depois do ano letivo ter sido iniciado, dificultando assim no estabelecimento de estratégia para o período inicial, que é considerado pelos entrevistados como o mais importante.

Os primeiros dias de aulas ficam sempre na memória...pela positiva e pela negativa, por isso, se pudermos torná-los mais positivos, melhor. Para isso, acho muito importante a avaliação da criança referente ao pré-escolar, torna-se um ótimo instrumento de apoio às atividades iniciais. [PB]

Aliás, as reuniões com os Educadores devem ser o mais cedo possível, para que quando a criança chegue ao 1º ciclo, o professor já tenha alguma referência para melhor adequar as primeiras atividades. [PB]

Dificuldades sentidas ao acompanhar um grupo que vai transitar para o 1º ciclo

Apesar de toda a importância e trabalho que é realizado tendo em conta esta transição constatamos que na prática acaba por ser um trabalho, na maior parte das vezes, sem ligação entre os dois docentes. Em ambas as partes é referida a importância da comunicação entre docentes de modo a partilhar o máximo de informação revelante sobre a criança mas na prática essa comunicação acaba por ser escassa, e em alguns casos inexistente.

A inexistência de troca conhecimentos, experiências e de necessidades entre professores e educadores de forma a nós poderemos proporcionar o melhor para as crianças que terminam o pré-escolar [EB]

Se considerarmos ainda que no universo de crianças que passa por este processo existem algumas com necessidades educativas especiais a situação fica ainda mais complicada dado que exigem uma preparação diferente das restantes. Se esse processo não estiver definido previamente existirá uma clara dificuldade no processo de integração das mesmas.

Acho que neste momento não está a ser feita corretamente a articulação, porque o jardim onde trabalho é uma ipss e como tal não pertence ao agrupamento do concelho e estamos “alheios” ao plano de atividades do agrupamento, não existindo um envolvimento mais direto entre os dois níveis. Considero que esta é a maior dificuldade. É de salientar a reunião com os professores no primeiro dia de aulas de 1º ciclo para entregar as avaliações e o programa de integração de crianças autistas. [EB]

Outra situação identificada está relacionada com os familiares. Em certos casos as crianças ainda não estão preparadas para realizar esse processo de transição, sendo nessas situações aconselhados pelos educadores a permanecer mais um ano no pré-escolar de modo a ganharem um pouco mais de maturidade que irão necessitar nesta nova etapa. Este conselho é na maioria dos casos encarado de um modo negativo pelos pais, achando que esta situação implica o “perder um ano” na vida da criança.

Por outro lado, dever-se-ia desmistificar socialmente a entrada da criança para a escola. Educando/Informando as pessoas e os pais em particular, de que se um filho não tiver maturidade para ingressar no 1º ciclo e tiver a oportunidade de aguardar mais um ano para adquirir determinadas competências, apenas irá beneficiar! [EA]

Dificuldades sentidas ao receber um grupo que vem do JI

Como principal dificuldade as professoras referem que a preparação das crianças muitas vezes não é a melhor, não tendo como adquiridos muitas das competências que seriam objetivo do pré-escolar.

O grau de imaturidade das crianças é cada vez maior; a sua falta de autonomia e insegurança também são muito frequentes; a dificuldade em lidar com as regras da sala de aula; a grande dificuldade em desenhar e pintar, recortar e até colar (mesmo tarefas básicas); o manuseamento do material (neste grupo que tenho agora havia crianças que não sabiam usar uma tesoura, não sabiam colocar os dedos na tesoura, nem afiar os lápis...).

[PA]

Nesta questão foi de novo possível constatar que a comunicação é fundamental, e que se existisse um processo articulado e coordenado entre ambas as partes o trabalho realizado seria bem mais eficiente e proveitoso para as crianças.

Nas respostas dadas pelas educadoras e professoras é possível constatar que estão na sua grande maioria em concordância quanto ao processo de transição, tanto nas estratégias como nas dificuldades encontradas na aplicação das mesmas. (No quadro encontrado no anexo 5 esta informação encontra-se esquematizada.)

5. Reflexão Final do Trabalho de Pesquisa Realizado

Ao analisar as entrevistas realizadas constatou-se que, quer ao nível das educadoras quer ao nível das professoras, a preocupação com o modo que é processada a transição é grande. É um tema que todos os entrevistados consideram como crítico para o desenvolvimento futuro de cada criança e todos tentam aplicar as suas próprias estratégias para efetuar o processo de transição do modo que apresente melhores resultados para as crianças.

É comum também a preocupação de encarar a transição não apenas no ponto de vista de conhecimentos ou competências adquiridas mas também ao nível da personalidade e comportamento da criança. Como foi possível verificar a família também tem obrigatoriamente de ser envolvida neste processo e desempenha um papel essencial dado ser a referência que a criança nunca esquece. Os pais devem estar atentos e gerir as expectativas da criança, criando a estabilidade e conforto necessários e para aceitarem mais facilmente esta transição. Os educadores, professores e instituições, devem articular os currículos e atividades de modo a evitar o “choque” da mudança na criança. A articulação do papel dos pais com o dos educadores consegue minimizar o impacto que a transição vai causar, dando à criança o conforto e segurança para aceitar esta nova etapa na sua vida.

Quer nos estejamos a referir a educadores, professores e mesmo aos pais o que constato é que o grande problema está mesmo relacionado com a falta de comunicação, a preocupação e importância dada ao processo é grande mas os esforços realizados são raramente feitos em conjunto. Outro aspeto claro que posso concluir está relacionado com uma falta de conhecimento/aplicação de diretrizes para lidar com estes processos.

Se pensarmos que se este processo estivesse definido e normalizado, ainda que dentro dos contextos sociais em que possam estar inseridos, todo o trabalho realizado poderia ser mais eficiente e proveitoso para os alunos. Teríamos um último ano de pré-escolar onde o trabalho desenvolvido seria planeado de acordo com determinados objetivos que facilitariam o processo de transição para o primeiro ciclo. Deste modo teríamos um sentido de continuidade no processo que certamente contribuiria para o sucesso escolar da criança. Segundo Zabalza (2004), citado por Cruz (2008: 74) “a ideia de continuidade está subjacente à de união, coerência e complementaridade”. É importante que, deste modo, que haja uma ligação entre os diferentes ciclos e que se complementem um ao outro, pois neste processo pretende-se que cada novo ciclo tenha em conta as aquisições das crianças, uma vez que

“continuidade não implica repetição, implica introdução ao que é novo, a novas tarefas, apoiadas em significados construídos e experienciados” (Woodhead (1981), referido por Marchão, 2002: 34).

É fundamental que os professores desenvolvam atividades que promovam a articulação curricular, encarando-a “(...) como uma prática de gestão curricular executada entre docentes dos diferentes níveis e ciclos de ensino alicerçada em práticas colaborativas efetivas de trabalho e reflexão” (Aniceto, 2010: 82). Sendo um tema atual é necessário apostar na formação inicial e contínua dos educadores e professores a este nível.

Parte III – Considerações Finais

O percurso educacional da vida de uma criança é encarado como um processo contínuo, onde desde o momento que entra no sistema educativo até sair para o mercado de trabalho, vai atravessando um conjunto de etapas com o objetivo de o preparar para ser um elemento válido, produtivo e inserido na sociedade. O problema é que no contexto que existe atualmente essas etapas são vistas como degraus quando na verdade deviam ser vistas como rampas.

Durante os estágios que realizei fui confrontada com a realidade de que o processo de transição das crianças é um dos grandes desafios que temos pela frente como profissionais da educação. É por tudo isto que a preparação que os intervenientes do processo educativo têm de estar cientes da importância do seu papel. Mais do que ensinar as letras e os números o educador tem de estar preparado para criar as condições de conforto e segurança emocional da criança para facilitar a sua adaptação às novas realidades.

Com este trabalho alcancei conhecimentos sobre o tema da continuidade educativa e articulação curricular, ajudando-me a produzir bases nas práticas a desenvolver como futura educadora de infância. A realização dos estágios foi igualmente fundamental em todo este processo, quer pela experiência de trabalhar diretamente com as crianças, quer por ter estado em duas realidades muito diferentes onde me foi possível constatar na prática o modo como cada um dos modelos encara esta problemática.

Verifiquei que a articulação curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico é evidenciada nos documentos legais dando grande ênfase ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem e à formação do indivíduo ao longo da vida.

É de considerar as especificidades curriculares mas em simultâneo é preciso criar bases entre os dois contextos, organizando currículos que sustentem em experiências de aprendizagem em continuidade. Deve partir dos profissionais (professores/educadores) a necessidade de criar espaços de partilha e colaboração, no sentido de promoverem atividades conjuntas, evitando as barreiras entre os dois níveis facilitando o processo de transição das crianças.

Mais importante que a criação de agrupamentos de ensino e das vantagens que possam trazer, é a criação de diálogo entre os profissionais. É preciso que se envolvam na ação, que criem relações e que estejam dispostos para a mudança e inovação. Este processo de transição é um marco muito importante na vida de uma criança, muitas das vezes acaba por ser mesmo diferenciador no modo como irão

encarar a vida escolar no futuro. Se considerarmos que existe uma consciencialização geral da parte dos docentes envolvidos podemos concluir que uma falha que podemos identificar está relacionada com a maneira como todo o processo é coordenado. É necessário definir objetivos claros, comuns, e acima de tudo articulados entre todas as partes intervenientes do processo.

Para (Bravo, 2010: 123), *“o êxito da articulação depende da abordagem e da crença dos diversos intervenientes e os seus resultados positivos são conquistados, quando formos capazes de, como docentes, termos uma postura de partilha e de espírito colaborativo.”*

A articulação é de extrema importância para as crianças, pois estas criam muitas expectativas sobre a sua entrada na escola e muitos dos possíveis receios são desmistificados na primeira manhã que lá passam, além de que lhes permite que conheçam uma nova realidade, um novo espaço. Pode-se afirmar que a articulação curricular, sendo preocupação das educadoras de infância e das professoras do 1.º Ciclo, não passa de um momento circunstanciado no tempo.

Ao longo de toda a nossa vida como adultos somos constantemente confrontados com situações que implicam mudança e aceitação de novas realidades, se desde cedo criarmos nas crianças a noção de que *“a mudança não é má”* acredito que iremos ter adultos que mais facilmente enfrentarão todas as contingências que ao longo da vida os espera.

*“Os saberes atuais só têm sentido
se estiverem articulados com os anteriores
e perspetivarem os posteriores”
(Aniceto, 2010: 72)*

Referências Bibliográficas

- ALVES & VILHENA. (2008). Transição – Do Pré-Escolar para o 1.º Ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico – Que mecanismos são utilizados? Pós -Graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores. Porto: Trabalho de projeto não editado.
- ANICETO, J. (2010). Articulação Curricular Pré-Escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico: práticas colaborativas. Dissertação de Mestrado em Gestão Escolar. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- BAMBERGERD, Richard. (2000,P.21). Como incentivar o hábito da leitura. 7ª ed. São Paulo: Ática
- BARBOSA, E. (2010). Articulação Curricular e (in)sucesso educativo na disciplina de inglês; um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Minho: Universidade do Minho.
- BARON-COHEN, S. (1988). Social and pragmatic deficits in autisan: cognitive or affective? *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 18:379-402.
- BENTO, A. (2007). Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: Perspetivas dos alunos do 5º ano (2º ciclo). In J. Sousa & C. Fino (Eds.), *A escola sob suspeita*, 375-384. Porto: Edições Asa.
- BOGDAN e BIKLEN. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora
- BRAVO, M. (2010). Do Pré-Escolar ao 1.º Ciclo do Ensino Básico: Construindo Práticas de Articulação Curricular. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança. Minho: Universidade do Minho.
- BRAZELTON, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*, (J. L. Camargo, trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- BRAZELTON, T.B. e CRAMER, B.G. (1992). *As primeiras relações* (M.B. Cipolla, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- CARDONA, M. João (2014). *Falando de transições: entre a educação de infância e a escola*. Nuances: estudos sobre Educação.
- CARLTON & WINSTON, (1999). *School Readiness: The need for a paradigm shift - Article in School psychology review*
- CARVALHO, A. (2010). Articulação Curricular Pré-Escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico: contributos para o sucesso educativo. Dissertação de Mestrado em Gestão Curricular. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- CRUZ, M. (2008). Articulação Curricular entre a EB1 e o Jardim de Infância: Práticas docentes. Dissertação de Mestrado em Análise Social e Administração da Educação. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- DINELLO, R. (1987). Atualização na educação infantil. Santa Maria: Palloti.
- INFOPÉDIA, Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/>>. Acesso a 3 de maio de 2016.
- KETACOSTA, Disponível em: <<http://ketacosta.blogspot.pt/2008/04/investigao-quantitativa-qualitativa-ou.html>>. Acesso a 17 de maio de 2016.
- Khan, M. (1988). Prefácio. In: D. Winnicott (1988/1958a), Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MARCHÃO, A. (2002). Da formação de educadores e professores aos processos de construção e gestão do currículo nas 1as etapas da educação básica (Educação Pré-Escolar, 1.º Ciclo). Revista Aprender no 26, Setembro de 2002. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.
- MARCHÃO, A. (2012). No Jardim de Infância e na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico. Lisboa: Edições Colibri.
- Ministério da Educação, (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. 3ª Edição. Lisboa, Ministério da Educação
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (1992). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva
- SERRA, C. (2004). Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Porto: Porto Editora.
- SIM-SIM, I. Pontes, desníveis e sustos na transição entre a educação pré - escolar e o 1º ciclo da educação básica. Exedra, n. 9, p. 111-118, março, 2010.
- VASCONCELOS, T. Transição jardim-de-infância - 1º ciclo: um campo possibilidades. Cadernos de Educação de Infância, Lisboa: APEI, n.81, p. 44-46, 2007.
- WINNICOTT, D.W. (1963). Dependence in infant care, child care, psychoanalytic setting..., *Int. J. Psychoanal.*, 44:339-344

Legislação Consultada

Decreto-Lei n.º 542/79: Estatutos dos Jardins de Infância;

Lei n.º 46/86: Lei de Bases do Sistema Educativo;

Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro:

Despacho n.º 5220/97: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar;

Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio: Inspeção-geral da Educação;

Decreto-Lei 6/2001 de 18 de Janeiro: Reorganização Curricular do Ensino Básico;

Lei n.º 49/2005: Alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo;

Decreto-Lei 75/2008 de 22 de Abril: Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos;

Anexos

Anexos 1: Guiões de Entrevista

Guião de entrevista – educadoras e professoras

Blocos	Objetivos	Descrição/Questões	Observações
1º Legitimação	-Legitimar a entrevista e os meios de registo;	A entrevista tem como objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • estudar a transição entre o JI e a escola; • identificar exemplos considerados como boas práticas; • identificar exemplos considerados como más práticas; • detetar principais dificuldades no processo de transição; 	- Pedir autorização para gravar; - Garantir confidencialidade;
2º Caracterização dos entrevistados	-Recolher informação sobre o entrevistado	- Sexo - Idade - Que habilitações académicas possui? - Quantos anos tem de serviço? - Qual a idade/ano de escolaridade que está atualmente? - Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
3º Práticas de transição realizadas	- Caracterizar práticas desenvolvidas	- Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola? - Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição? - Como prepara a transição das crianças para a escola?	

<p>4º Exemplos de práticas desenvolvidas</p>	<p>-Identificar exemplos de boas práticas; -Identificar exemplos de más práticas;</p>	<p>- Dê exemplo de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê? - E, más práticas? Porquê? - Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?</p>	
<p>5º Dificuldades</p>	<p>- Identificar principais dificuldades;</p>	<p>- Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo? - Que dificuldades sente quando recebe um grupo que vem do Jardim de Infância?</p>	<p>- Responder apenas a uma questão?</p>

Anexo 1 - Guião de entrevista – educadoras e professoras

Anexos 2: Entrevistas

Entrevistada: T

<u>Entrevistadora:</u> Ana Rita Nogueira	<u>Data:</u> 08/06/2016
<u>Local da Entrevista:</u> Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
32 anos	
Que habilitações académicas possui?	
Licenciatura em Educação de Infância (Pré-Bolonha)	
Quantos anos te de serviço?	
9 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
5 anos	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
9 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
<p>Considero muito importante uma vez que a entrada para o 1º Ciclo é acompanhada de um misto de emoções. Se por um lado surge a vontade de iniciar novas experiências e de ir para a escola "dos grandes", por outro o receio do desconhecido e o seu impacto no meio familiar origina dúvidas, ansiedade e insegurança próprias de qualquer mudança significativa. É fundamental trabalhar com a criança e sua família para que esta transição seja a mais equilibrada e harmoniosa possível.</p>	

Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?
Sem dúvida, envolvendo a criança, as famílias e a comunidade educativa
Como prepara a transição das crianças para a escola?
Desenvolvo várias atividades com o objetivo de transmitir segurança às crianças e pais relativamente à transição para o 1º Ciclo, nomeadamente através de encontros de pais, em que contam experiências suas aos seus filhos; vamos visitar a escola e conhecer a professora nova; reúno-me com as professoras para lhes transmitir informações que considero relevantes para a adaptação das crianças.
<u>Exemplos de práticas desenvolvidas</u>
Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?
<ul style="list-style-type: none"> - Falar sobre a escola para tranquilizar a criança; - Visitar a escola e conhecer a professora para transmitir confiança à criança; - Os pais devem contar experiências escolares que permitam imaginar a nova fase de forma positiva; - Sensibilizar os pais para que no momento da compra do material escolar, sempre que possível, deixe a criança escolher a mala, os cadernos, etc. para que se sinta entusiasmada e motivada.
E, más práticas? Porquê?
- Evitar que no jardim-de-infância e em casa se transmita a ideia que acabou a brincadeira e agora é a sério pois pode transmitir medo e insegurança face à nova etapa.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Sim, considero importante ter acesso a estes dados e a outros que a educadora considere relevantes para que a professora tenha conhecimento das capacidades e necessidades da criança e assim adeque as estratégias que considere mais adequadas.

Dificuldades

Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?

Cada etapa tem as suas características. Nesta considero que devemos envolver muito as famílias no sentido de lhes fornecer estratégias e segurança para a nova etapa. Relativamente às crianças devemos proporcionar um ambiente estimulante, harmonioso e securizante para que consigam desenvolver os pré-requisitos necessários à aprendizagem escolar.

Entrevistada: EA

<u>Entrevistadora:</u> Ana Rita Nogueira	<u>Data:</u> 09/06/2016
<u>Local da Entrevista:</u> Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
42 anos	
Que habilitações académicas possui?	
Licenciatura em Educação de Infância (Pré-Bolonha)	
Quantos anos te de serviço?	
21 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
2/3 anos	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
12 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
Toda a importância que esta caminhada da criança terá rumo ao seu futuro, que se espera risonho!	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
<p>Não especificamente mas...inevitavelmente sim!</p> <p>No meu entender todas as atividades organizadas e planeadas em jardim-de-infância visam o desenvolvimento de capacidades, habilidades, conhecimentos, experiências</p>	

que irão ser um suporte importantíssimo na vida futura da criança...nomeadamente no momento de transição para a escola!

Como prepara a transição das crianças para a escola?

Na minha forma de estar como educadora de infância, o mais importante de tudo é certificar-me diariamente que os meus meninos são crianças felizes, que se sentem ouvidos, respeitados, que respeitam os seus pares/adultos, que estão despertos para o que os rodeia tendo gosto por aprender saboreando cada momento que vivem!
Se este equilíbrio for conseguido a criança estará certamente munida de tudo o que precisa a nível emocional, pessoal, cognitivo e social para que a transição para a escola seja plena e conseguida de forma eficaz.

Exemplos de práticas desenvolvidas

Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?

Atividades são todas as que fazem sentido num tempo e num espaço.
Crianças pequenas aprendem pelo prazer de brincar!
Há as atividades que vão de encontro às necessidades individuais de cada criança e a ajudam a ultrapassar os seus possíveis limites.
Há as atividades de grupo que normalizam o que cada uma delas pode e deve fazer quando em grupo.
O reforço positivo, os elogios imediatos face a comportamentos adequados, a escuta ativa por parte do adulto são estratégias importantíssimas e que utilizo na formação/educação dos meus meninos.
Porque só assim eles se poderão sentir bem consigo mesmos e com os outros!

E, más práticas? Porquê?

Más práticas são todas aquelas que não respeitam a individualidade de cada criança ou de um grupo num determinado momento.

Más práticas em palavras ou ações são:

- as que excluem a criança da possibilidade e do direito que tem de ser feliz;
- as que a menosprezam;
- as que caracterizam o dia de uma criança apenas por uma atitude sua,

quando a criança até se esforçou durante todo o dia por demonstrar bons comportamentos;

- as que não valorizam a criança;
- as que dizem haver crianças más e outras só boas;
- as que não oferecem poder de escolha/alternativa para a criança;
- as que escolarizam a todo o custo o :Brincar.

Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?

Sim.

Porque considero que todas as informações relevantes à criança são do interesse de quem vai estar com ela, sejam relativamente à sua família ou relativas ao seu percurso escolar.

Por outro lado podem existir “episódios”na vida de uma criança, que já estão resolvidos merecendo por isso dar-se como “arquivados”.

Uma criança deve ser ilibada de os carregar por toda a vida! E deve ter a possibilidade de não ser futuramente julgada pelos mesmos!

Dificuldades

Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?

Pela experiência que tenho e que tenho vivido ao longo destes anos, as dificuldades que o educador possa ter, não são referentes ao ingresso da criança no 1ºciclo mas sim, serão relativas às dificuldades que a própria criança possa ter no seu dia-a-dia.

Têm a ver por exemplo com o desenvolvimento, a maturidade/capacidade que a criança pode ou não ter por diversos motivos e que aí sim, a pode atrapalhar ou dificultar nas aquisições que se espera que faça!

Por outro lado, dever-se-ia desmistificar socialmente a entrada da criança para a escola. Educando/Informando as pessoas e os pais em particular, de que se um filho não tiver maturidade para ingressar no 1º ciclo e tiver a oportunidade de aguardar mais um ano para adquirir determinadas competências, apenas irá beneficiar!

Sou da opinião de que quando um educador é consciente com o desempenho que tem para com a transmissão de valores para com outros seres, deverá sentir-se de consciência tranquila em como fez o que lhe era devido como pessoa e como profissional.

Entrevistada: EB

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: 09/06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
39 anos	
Que habilitações académicas possui?	
Licenciatura em Educação de Infância (Pré-Bolonha)	
Quantos anos te de serviço?	
16 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
5/6 anos	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
16 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
É importante, está referida na lei de base do sistema educativo e nas orientações curriculares do pré-escolar, penso que existem várias barreiras para que seja feita corretamente.	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
Sim	

Como prepara a transição das crianças para a escola?
São definidos objetivos e estratégias de forma a verificar-se uma continuidade de conteúdos dos diferentes níveis de ensino. Havendo uma sequência progressiva.
<u>Exemplos de práticas desenvolvidas</u>
Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?
Intercâmbios, festas, visitas, correspondência escrita, partilhas... todas as atividades possíveis e que possam envolver as crianças dos dois níveis de ensino. As crianças do 1º ciclo reforçam valores como (partilha, generosidade, sabedoria, proteção...) e as do pré-escolar passam a “ver” a próxima etapa com mais segurança, tranquilidade e menos ansiedade. Passando aquele espaço físico a ser lhe familiar mais cedo...
E, más práticas? Porquê?
Inexistência de envolvimento dos dois níveis, existem certas dúvidas que os educadores têm em relação à abordagem à escrita, que seria importante esclarecer com as professoras. Muitas vezes as professoras também não têm noção dos conteúdos que são abordados no pré-escolar e “reclamam” os comportamentos das crianças...,Resultado da desarticulação.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Sim, não só as avaliações mas também devem existir reuniões entre as duas profissionais de forma a ser transmitido o percurso educativo da criança.
<u>Dificuldades</u>
Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?
A inexistência de troca conhecimentos, experiências e de necessidades entre professores e educadores de forma a nós poderemos proporcionar o melhor para as crianças que terminam o pré- escolar.

Acho que neste momento não está a ser feita corretamente a articulação, porque o jardim onde trabalho é uma ipss e como tal não pertence ao agrupamento do concelho e estamos “alheios” ao plano de atividades do agrupamento, não existindo um envolvimento mais direto entre os dois níveis. Considero que esta é a maior dificuldade. É de salientar a reunião com os professores no primeiro dia de aulas de 1º ciclo para entregar as avaliações e o programa de integração de crianças autistas.

Entrevistada: EC

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: 19/06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
39	
Que habilitações académicas possui?	
Educadora de Infância – Licenciatura	
Quantos anos te de serviço?	
15 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
½ anos	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
15 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
A passagem do J.I. para o 1ºciclo, é um momento marcante e importante na vida da criança e cabe nós educadores proporcionar as condições para elas façam uma aprendizagem com sucesso de forma a facilitar a transição para a escola do primeiro ciclo.	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
Sim, tenho em atenção! Mas o facto de ter o privilégio de acompanhar os grupos desde de bebé (da creche até a sala dos 5/6 anos) tenho sempre em consideração as dificuldades e características de cada criança. O planeamento das atividades vai ao encontro do interesse do grupo e não unicamente à transição para a nova etapa no percurso escolar das crianças.	
Como prepara a transição das crianças para a escola?	
Nestes 15 anos de serviço, nem sempre preparei da mesma forma os diferentes	

grupos de crianças! Cada grupo é diferente, e a própria exigência da escola também o é!

No ano letivo passado estive com um grupo 5/ 6 anos e a preparação começou por criar um ambiente rico que estimula-se a curiosidade e o desejo de aprender, para isso o grupo tinha ao seu dispor diferentes materiais como revistas, canetas, lápis, borrachas, (é de referir que cada criança também tinha os seus objetos pessoais de forma a desenvolver o sentido de responsabilidade e cuidado com os seus pertences), jogos, material de desperdício, revistas, carimbos com letras e números e um quadro onde podiam “escrever”, livros, criamos a área do escritório, por toda a sala existiam nas paredes cartazes com código escrito a identificar as áreas e o número de meninos que podem estar, faziam-se registos escritos e ao nível da matemática foram adquirindo algumas noções e treino de calculo mental,....

Mas tive também em conta as orientações curriculares assim como as metas de aprendizagem para a educação pré-escolar ao seja quais as competências que as crianças têm de adquirir no final do pré-escolar.

No final do ano a partir de junho comecei a criar um ambiente de escola, mas sempre com o acordo do grupo de crianças, é claro que ao longo do ano fui conversando sobre a escola, estimulando assim a curiosidade e o desejo deles sobre o que é a escola e o que se espera deles! Por isso houve uma altura em que foram eles que pediram para “brincar” as escolas. Assim reorganizamos a sala, colocamos as mesas como de uma sala de escola se trata-se, e dedicávamos algum tempo, principalmente de manhã, a fazer trabalhos todos ao mesmo tempo, que podia ser ouvir uma história e depois fazer a representação gráfica, fazer fichas do livro (este ano adotei um manual). Também criamos algumas regras como por o dedo no ar para falar, só levantar-se quando pediam,...e não conversar com o colega da sala. Este ano tinha programado uma visita a uma escola mas acabamos por não o fazer por incompatibilidade de horários e serviço.

Falta só referir que tive sempre em atenção o ritmo e características individuais de cada criança.

Exemplos de práticas desenvolvidas

Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?

As estratégias para uma boa transição para a escola, passa por transmitir segurança e estimular a autoestima nas crianças. Dar sempre um reforço positivo de que elas vão conseguir realizar e terminar uma tarefa. Por outro lado deve existir um diálogo entre educadores e professores, como trabalhar em conjunto em projetos, fazer

visitas a escola.
E, más práticas? Porquê?
Práticas más, penso que não devemos escolarizar o jardim-de-infância. Porque o J.I. é onde as crianças têm a possibilidade de desenvolver-se ao nível pessoal, social, brincar,... e o educador tem o dever estimular a curiosidade e a vontade da criança aprender e de fazer as suas próprias descobertas e não unicamente ter a função de preparar para a escola.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Acho que devia de existir uma troca de informação entre a educadora e a professora sobre a criança que vai receber, é claro que nem sempre é possível porque a maioria das crianças que recebo no final do pré – escolar acabam quase todas em ingressar em diferentes escolas. Mas a existência de um processo de avaliação que seguisse do pré-escolar com a criança pode condicionar o sucesso escolar até rotular a mesma, depende como a professora interpreta-se essa avaliação feita pela educadora. E como a educadora não está lá dificilmente poderias tirar dúvidas.
<u>Dificuldades</u>
Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?
Não sei bem se será uma dificuldade, mas sinto um fosso ente o J.I. e a escola. Não existe diálogo entre estes dois ensinos e por isso não há uma continuidade neste processo de aprendizagem, e os meninos saem e nós acabamos por não saber como foi a adaptação e como está decorrer o processo de aprendizagem na escola (é de referir que alguns pais ainda nós vão dando noticias dos “nossos” meninos). Por outro lado é complicado fazer entender aos pais qual é a nossa função! Muitos pensam que temos a tarefa de ensinar a ler e a escrever!

Entrevistada: ED

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: 13/06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
F	
Idade?	
48	
Que habilitações académicas possui?	
Educadora de Infância – Bacharelato	
Quantos anos te de serviço?	
25 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
Grupo Misto com crianças dos 3 aos 6 anos	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
O atual ano	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
Considero uma passagem muito importante e preocupo-me em ajudar as crianças a prepararem-se para essa transição com sucesso.	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
Sempre, procuro desenvolver atividades e em criar momentos de aprendizagem diversificados no âmbito das diferentes áreas de conteúdo.	
Como prepara a transição das crianças para a escola?	
<p>Através de atividades nas diferentes áreas de conteúdo;</p> <p>A partir de momentos em que as crianças tenham oportunidade de experimentar, refletir e dar a sua opinião sobre os assuntos/conteúdos trabalhados; (ajudando a organizar o seu pensamento);</p> <p>Na realização de trabalhos individuais e em grupo;</p>	

<p>Sensibilizar as crianças para cuidarem do seu material e saberem utilizá-lo;</p> <p>Criar com as crianças regras básicas de convivência e de respeito pelo outro;</p> <p>Saber esperar pela sua vez para falar e saber ouvir e respeitar a opinião dos outros...</p> <p>Através da auto avaliação realizada pelas crianças.</p> <p>Propor atividades que exigem mais concentração e gradualmente aumentar o grau de dificuldade das tarefas a desenvolver, respeitando sempre em conta o ritmo e as capacidades de cada criança.</p>
<u>Exemplos de práticas desenvolvidas</u>
Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?
O que respondi na questão anterior.
E, más práticas? Porquê?
Para mim más práticas são quando não existem regras e não se planificam atividades que ajudem na preparação /transição para o 1º ciclo. Porque o pré-escolar é a primeira etapa da vida “escolar” de uma criança e considero que as suas vivências/aprendizagens irão se refletir no seu percurso escolar.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Sim para conhecer algumas das características das crianças que sejam importantes referir.
<u>Dificuldades</u>
Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?
No público, as salas de JI são mistas com diferentes idades às vezes é um pouco difícil organizar atividades mais específicas para as crianças que vão transitar para o 1º ciclo sobretudo se exigirem mais concentração/silêncio.

Entrevistada: PA

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: /06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
42	
Que habilitações académicas possui?	
Professora – Licenciatura	
Quantos anos te de serviço?	
20 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
1º ano	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
13 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
<p>A transição do Jardim para a vida escolar é das mais importantes, talvez a mais importante. As crianças entram na vida escolar, iniciam um processo que durará pelo menos 12 anos. Apesar de no Jardim de Infância já existir uma rotina que lhes é familiar, na escola, eles são "postos à prova" no que diz respeito a autonomia e capacidade para desempenhar determinadas funções. Essa transição para a qual alguns deles não estão preparados pode ser marcante. Pode ser um processo muito tranquilo e sem grandes dificuldades mas também pode levar a situações de difícil adaptação. Há um conjunto diverso de exigências às quais as crianças têm de corresponder.</p>	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
<p>Sim. No início do primeiro ano, particularmente, nas primeiras semanas de aulas há um conjunto de atividades e de cuidados/atenções que existem como ponte para tornar a passagem o mais tranquila possível.</p>	

Como prepara a transição das crianças para a escola?
Como professora não estou presente no período pré transição apenas posso falar do que se faz nas primeiras semanas após a transição. As atividades são uma sequência das realizadas no Jardim: pintar, recortar, colar, ordenar, montar, ouvir histórias e canções, ... Mas também existe um conjunto de ações que são praticadas para avaliar o grau de autonomia e promovê-lo, dando-lhe uma importância maior nesta altura: arrumar o material na mesa e na mochila, organizar a mesa de trabalho, retirar o lanche, ir à casa de banho sozinho, almoçar sem ajuda, ...
<u>Exemplos de práticas desenvolvidas</u>
Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?
Boas práticas - realizar tarefas que: ajudem a criança a arrumar o material de trabalho; requerem que a criança passe algum tempo sentada (entenda-se, sentada corretamente); levem a criança a treinar o corte, a colagem, a ordenação de figuras, a pintura e o desenho; levem a criança a ter autonomia no refeitório e na casa de banho; exigem atenção/concentração por períodos de tempo cada vez mais longos, ... Estas atividades são as que me parecem prioritárias para que a transição decorra de uma forma calma, pois, se as crianças tiverem estas tarefas interiorizadas será muito mais fácil conseguir dar o passo para tudo o resto que é exigido no 1ºano. Esta é a base, tudo o resto virá depois.
E, más práticas? Porquê?
Más práticas - não treinar o desenho e a pintura, o recorte e a ordenação de imagens; não exigir o cumprimento de regras de sala (exemplos: saber esperar a sua vez de falar, realizar as tarefas sentado corretamente...); não praticar a tomada das refeições de forma autónoma; não aumentar o grau de exigência face a determinadas tarefas, ... O facto destas tarefas não serem devidamente exploradas e desenvolvidas leva a que a adaptação a uma nova realidade seja mais difícil.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Sim. O conhecimento do percurso da criança, bem como da sua avaliação ajudam a compreender melhor algumas situações, quer sejam comportamentais ou de aprendizagem.
<u>Dificuldades</u>
Que dificuldades sente quando recebe um grupo que vem do Jardim de Infância?
O grau de imaturidade das crianças é cada vez maior; a sua falta de autonomia e insegurança também são muito frequentes; a dificuldade em lidar com as regras da sala de aula; a grande dificuldade em desenhar e pintar, recortar e até colar (mesmo tarefas básicas); o manuseamento do material (neste grupo que tenho agora havia

crianças que não sabiam usar uma tesoura, não sabiam colocar os dedos na tesoura, nem afiar os lápis...). Ao longo dos anos tem sido notório o aumento de crianças que têm dificuldade em cumprir regras básicas de funcionamento da sala de aula e que apresentam um período de concentração muito curto. Ao nível da aprendizagem, existem muitas crianças às quais faltam os pré-requisitos e que dificultam a mudança para um patamar de conhecimentos mais exigente e complexo.

Entrevistada: PB

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: /06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
44	
Que habilitações académicas possui?	
Professora – Licenciatura	
Quantos anos te de serviço?	
23	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
1º ano	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
7 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
Acho que é um momento extremamente importante, com tudo o que implica para a criança e para a família. É uma transição carregada de ansiedade, a qual não deve ser esquecida no momento em que acontece a chegada ao 1º ciclo e o primeiro contacto com outra realidade.	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
Sim, tenho esse aspeto em conta. Não poderia deixar de o ter. Muitas crianças estão no pré-escolar três anos antes de chegarem ao 1º ciclo. O que aprenderam e o que ainda não aprenderam é o ponto de partida...no início do 1º ano, a planificação vai sendo construída com base nestes aspetos.	
Como prepara a transição das crianças para a escola?	
A minha primeira tarefa é a de sondar conhecimentos, através de atividades iniciais	

que se cruzam com as do fim do pré-escolar. Também tenho como referência as informações que me são fornecidas na reunião de articulação com os Educadores que estiveram a trabalhar com as crianças. Na primeira reunião de pais, recolho as informações que os Encarregados de Educação me fornecem, pois também me vão ajudar a conhecer a realidade com que vou trabalhar. Depois, vou preparando o caminho, começando por atividades que todos já consigam fazer e então começo a avançar no grau de dificuldade. Primeiro as crianças mostram o que sabem, para poderem motivar-se para saberem algo mais. Não esqueço, claro, que algumas delas podem não ter frequentado o pré-escolar...

Exemplos de práticas desenvolvidas

Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?

Como exemplo de boas práticas considero que qualquer prática que comece na criança e seja para o sucesso da mesma, é uma boa prática. Atividade que traga da criança o que aprendeu, lhe dê desafios e, no fim, lhe acrescente saber, é uma prática benéfica e conduz ao sucesso.

E, más práticas? Porquê?

As práticas que só têm como objetivo único o débito de informação por parte do professor e a aferição da aquisição ou não aquisição dessa informação, não pode ser uma boa prática. A criança não se incluiu positivamente no processo, não partilhou, não teve oportunidade de mostrar o que já sabia antes, não se deu a conhecer.

Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?

Claro que sim...faz parte do percurso da criança e ajuda o professor a perceber a sua realidade. Aliás, as reuniões com os Educadores devem ser o mais cedo possível, para que quando a criança chegue ao 1º ciclo, o professor já tenha alguma referência para melhor adequar as primeiras atividades. Os primeiros dias de aulas ficam sempre na memória...pela positiva e pela negativa, por isso, se pudermos torná-los mais positivos, melhor. Para isso, acho muito importante a avaliação da criança referente ao pré-escolar, torna-se um ótimo instrumento de apoio às atividades iniciais.

Dificuldades**Que dificuldades sente quando recebe um grupo que vem do Jardim de Infância?**

Nos primeiros tempos, a maior dificuldade prende-se com o facto de as crianças não conseguirem estar muito tempo sentadas nas cadeiras. É um choque para elas terem de estar sentadas durante um maior período de tempo do que o a que estavam acostumadas.

Outra dificuldade surge quando iniciam a aprendizagem das letras...normalmente, vêm com o hábito da letra de imprensa maiúscula e custa tirar o "vício". Escrevem o seu nome e até outras palavras, mas sempre utilizando a letra de imprensa...

Também a parte emocional se torna um obstáculo...há crianças que choram porque querem estar com os pais ou porque lhes dói a barriga...temos de compreender que estas crianças também têm a sua ansiedade ao rubro e que, a nível físico, isso vai refletir-se...com o tempo vai passando...

Entrevistada: PC

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: /06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
47	
Que habilitações académicas possui?	
Professora – Licenciatura	
Quantos anos te de serviço?	
25	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
3º Ano	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
12 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
<p>O momento de transição do Ji é importantíssimo senão o mais importante de toda a vida escolar do aluno e penso que ainda não lhe é dada a importância devida principalmente pelos pais.</p> <p>Em 1º lugar porque muitos ainda olham para o Ji como um depósito para as crianças estarem ocupadas. Não ouvem as educadoras, nem os seus conselhos, porque o importante é entrar no 1ºano, mesmo quando lhes é dito que não é aconselhável. Penso que na formação das turmas de 1ºano as educadoras deveriam estar presentes, pois são elas que conhecem os alunos.</p> <p>Deverá haver mais contacto entre a educadora e a professora antes de se iniciar o ano letivo. A informação sobre cada aluno deveria ser o mais detalhada possível: Social, familiar, motricidade, cognitivo...</p> <p>Os alunos com muitas dificuldades e em que as quais já foram detetadas deverão logo ser encaminhados para observação antes da entrada no 1ºano.</p>	

Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?
Quando organizo e planifico o trabalho nos primeiros dias sinto que estou "em branco", pois não tenho qualquer interação com a educadora que acompanhou os alunos. Atenção: Não é culpa da educadora nem da professora, mas sim de quem não nos dá tempo e horário para tal. Penso q a grande falha começa logo aqui, pois são formadas turmas com muitos casos problemáticos e muitas vezes essas turmas deveriam ser separadas e não criar uma bola de neve.
Como prepara a transição das crianças para a escola?
Na preparação tento sempre criar atividades para avaliar logo de início o nível de motricidade, de relação com os pares e com os adultos, de organização, de atitudes e comportamentos.
<u>Exemplos de práticas desenvolvidas</u>
Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?
Ao fim de 25 anos de serviço ainda é difícil iniciar um novo grupo. Temos sempre que conciliar logo desde início regras e disciplina com algum mimo pois ainda são muito pequenos. Mas não devemos esquecer que estamos a ser testados e se não conseguirmos dosear estes dois componentes torna-se difícil. Uma outra boa prática é logo de início tentar ter os pais do nosso lado e explicar-lhes bem o trabalho que há pela frente e q temos que remar no mesmo sentido.
E, más práticas? Porquê?
Todas as atitudes, comportamentos e conversas tidas com a criança por parte do educador e novo professor que levam ao medo e à insegurança face à nova realidade, a nova escola.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Na 1ª e 2ª semana reservo a parte da tarde para descomprimir: jogos, filmes histórias, jogos interativos. Os miúdos não conseguem ainda estra 5 horas só e pintar e escrever.
<u>Dificuldades</u>
Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?
A maior dificuldade é a falta de comunicação que deveria existir antes de se iniciar o 1º ano. (entre ed e prof)

Entrevistada: PD

Entrevistadora: Ana Rita Nogueira	Data: /06/2016
Local da Entrevista: Cartaxo	
<u>Caraterização dos entrevistados</u>	
Sexo?	
Feminino	
Idade?	
31	
Que habilitações académicas possui?	
Professora – Licenciatura	
Quantos anos te de serviço?	
8 anos	
Qual a idade/ano de escolaridade está atualmente?	
4 ^o ano	
Há quanto tempo exerce funções nesta instituição?	
8 anos	
<u>Práticas de transição realizadas</u>	
Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	
O momento da transição do JI para a escola é de maior importância porque a mudança é um momento de oportunidade de aprendizagem e desafios e se for bem-sucedida maior é a garantia de um bom desenvolvimento em todas as áreas, como por exemplo, um sucesso escolar a longo prazo.	
Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?	
Sim, todas as crianças passam pelo momento de adaptação ao 1. ^o ano de escolaridade.	
Como prepara a transição das crianças para a escola?	
Antes do ano letivo começar, conhecer as crianças, as suas dificuldades, os seus interesses, os problemas de saúde, entre outros fatores que possam influenciar na sua adaptação à sua nova vida escolar, estando em contacto com o educador do ano anterior.	

<u>Exemplos de práticas desenvolvidas</u>
Dê exemplos de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?
Proporcionar à criança momentos em que adquira autoconfiança, resiliência, saia lidar com a frustração e que veja mudança como um desafio. Assim a criança torna-se mais positiva, forte, criativa e confiante.
E, más práticas? Porquê?
Não ouvir o que a criança tem para nos dizer sobre o que vive, não saber as suas expectativas sobre as suas vivências, deste modo a criança fica ansiosa, sem vontade de evoluir.
Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?
Penso que seja importante a articulação entre o pré-escolar e o 1.º ciclo, desta forma, educadores e professores deviam trabalhar em conjunto. Os professores ao conhecerem o trabalho realizado ao longo do pré-escolar consegue, de um forma mais concisa, preparar estratégias mais adequadas para as novas etapas da vida da criança.
<u>Dificuldades</u>
Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?
Não conhecer as crianças, antes do ano letivo começar, a falta de comunicação com o educador do grupo. A dificuldade que as crianças têm em se adaptar à nova realidade.

Tabela 3 – Apresentação dos dados

Anexos 3: Preparação da análise dos dados

Blocos	Questões	Educadoras
Práticas de transição realizadas	Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	<p>Considero muito importante uma vez que a entrada para o 1º Ciclo é acompanhada de um misto de emoções. Se por um lado surge a vontade de iniciar novas experiências e de ir para a escola "dos grandes", por outro o receio do desconhecido e o seu impacto no meio familiar origina dúvidas, ansiedade e insegurança próprias de qualquer mudança significativa. É fundamental trabalhar com a criança e sua família para que esta transição seja a mais equilibrada e harmoniosa possível. – T</p> <p>Toda a importância que esta caminhada da criança terá rumo ao seu futuro, que se espera risonho! - EA</p> <p>É importante, está referida na lei de base do sistema educativo e nas orientações curriculares do pré-escolar, penso que existem várias barreiras para que seja feita corretamente. – EB</p> <p>A passagem do J.I. para o 1ºciclo, é um momento marcante e importante na vida da criança e cabe nós educadores proporcionar as condições para elas façam uma aprendizagem com sucesso de forma a facilitar a transição para a escola do primeiro ciclo. - EC</p> <p>Considero uma passagem muito importante e preocupo-me em ajudar as crianças a prepararem-se para essa transição com sucesso. – ED</p>
	Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em	<p>Sem dúvida, envolvendo a criança, as famílias e a comunidade educativa. – T</p> <p>Não especificamente mas...inevitavelmente sim!</p> <p>No meu entender todas as atividades organizadas e planeadas em jardim-de-infância visam o desenvolvimento de capacidades, habilidades,</p>

	<p>consideração o momento de transição?</p>	<p>conhecimentos, experiências que irão ser um suporte importantíssimo na vida futura da criança...nomeadamente no momento de transição para a escola! – EA</p> <p>Sim. - EB</p> <p>Sim, tenho em atenção! Mas o facto de ter o privilégio de acompanhar os grupos desde de bebé (da creche até a sala dos 5/6 anos) tenho sempre em consideração as dificuldades e características de cada criança. O planeamento das atividades vai ao encontro do interesse do grupo e não unicamente à transição para a nova etapa no percurso escolar das crianças. – EC</p> <p>Sempre, procuro desenvolver atividades e em criar momentos de aprendizagem diversificados no âmbito das diferentes áreas de conteúdo. – ED</p>
	<p>Como prepara a transição das crianças para a escola?</p>	<p>Desenvolvo várias atividades com o objetivo de transmitir segurança às crianças e pais relativamente à transição para o 1º Ciclo, nomeadamente através de encontros de pais, em que contam experiências suas aos seus filhos; vamos visitar a escola e conhecer a professora nova; reúno-me com as professoras para lhes transmitir informações que considero relevantes para a adaptação das crianças. – T</p> <p>Na minha forma de estar como educadora de infância, o mais importante de tudo é certificar-me diariamente que os meus meninos são crianças felizes, que se sentem ouvidos, respeitados, que respeitam os seus pares/adultos, que estão despertos para o que os rodeia tendo gosto por aprender saboreando cada momento que vivem!</p> <p>Se este equilíbrio for conseguido a criança estará</p>

		<p>certamente munida de tudo o que precisa a nível emocional, pessoal, cognitivo e social para que a transição para a escola seja plena e conseguida de forma eficaz. - EA</p> <p>São definidos objetivos e estratégias de forma a verificar-se uma continuidade de conteúdos dos diferentes níveis de ensino. Havendo uma sequência progressiva. – EB</p> <p>Nestes 15 anos de serviço, nem sempre preparei da mesma forma os diferentes grupos de crianças! Cada grupo é diferente, e a própria exigência da escola também o é!</p> <p>No ano letivo passado estive com um grupo 5/ 6 anos e a preparação começou por criar um ambiente rico que estimula-se a curiosidade e o desejo de aprender, para isso o grupo tinha ao seu dispor diferentes materiais como revistas, canetas, lápis, borrachas, (é de referir que cada criança também tinha os seus objetos pessoais de forma a desenvolver o sentido de responsabilidade e cuidado com os seus pertences), jogos, material de desperdício, revistas, carimbos com letras e números e um quadro onde podiam “escrever”, livros, criamos a área do escritório, por toda a sala existiam nas paredes cartazes com código escrito a identificar as áreas e o número de meninos que podem estar, faziam-se registos escritos e ao nível da matemática foram adquirindo algumas noções e treino de calculo mental,....</p> <p>Mas tive também em conta as orientações curriculares assim como as metas de aprendizagem para a educação pré-escolar ao seja quais as competências que as crianças têm de adquirir no final do pré-escolar.</p> <p>No final do ano a partir de junho comecei a criar um ambiente de escola, mas sempre com o acordo do</p>
--	--	---

	<p>grupo de crianças, é claro que ao longo do ano fui conversando sobre a escola, estimulando assim a curiosidade e o desejo deles sobre o que é a escola e o que se espera deles! Por isso houve uma altura em que foram eles que pediram para “brincar” as escolas. Assim reorganizamos a sala, colocamos as mesas como de uma sala de escola se trata-se, e dedicávamos algum tempo, principalmente de manhã, a fazer trabalhos todos ao mesmo tempo, que podia ser ouvir uma história e depois fazer a representação gráfica, fazer fichas do livro (este ano adotei um manual). Também criamos algumas regras como por o dedo no ar para falar, só levantar-se quando pediam,...e não conversar com o colega da sala. Este ano tinha programado uma visita a uma escola mas acabamos por não o fazer por incompatibilidade de horários e serviço.</p> <p>Falta só referir que tive sempre em atenção o ritmo e características individuais de cada criança. - EC</p> <p>Através de atividades nas diferentes áreas de conteúdo;</p> <p>A partir de momentos em que as crianças tenham oportunidade de experimentar, refletir e dar a sua opinião sobre os assuntos/conteúdos trabalhados; (ajudando a organizar o seu pensamento);</p> <p>Na realização de trabalhos individuais e em grupo;</p> <p>Sensibilizar as crianças para cuidarem do seu material e saberem utilizá-lo;</p> <p>Criar com as crianças regras básicas de convivência e de respeito pelo outro;</p> <p>Saber esperar pela sua vez para falar e saber ouvir e respeitar a opinião dos outros...</p> <p>Através da auto avaliação realizada pelas crianças.</p> <p>Propor atividades que exigem mais concentração e gradualmente aumentar o grau de dificuldade das</p>
--	---

		tarefas a desenvolver, respeitando sempre em conta o ritmo e as capacidades de cada criança. – ED
Exemplos de práticas desenvolvidas	Dê exemplo de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?	<p>Falar sobre a escola para tranquilizar a criança; Visitar a escola e conhecer a professora para transmitir confiança à criança; Os pais devem contar experiências escolares que permitam imaginar a nova fase de forma positiva; Sensibilizar os pais para que no momento da compra do material escolar, sempre que possível, deixe a criança escolher a mala, os cadernos, etc. para que se sinta entusiasmada e motivada. – T</p> <p>Atividades são todas as que fazem sentido num tempo e num espaço. Crianças pequenas aprendem pelo prazer de brincar! Há as atividades que vão de encontro às necessidades individuais de cada criança e a ajudam a ultrapassar os seus possíveis limites. Há as atividades de grupo que normalizam o que cada uma delas pode e deve fazer quando em grupo. O reforço positivo, os elogios imediatos face a comportamentos adequados, a escuta ativa por parte do adulto são estratégias importantíssimas e que utilizo na formação/educação dos meus meninos. Porque só assim eles se poderão sentir bem consigo mesmos e com os outros! - EA</p> <p>Intercâmbios, festas, visitas, correspondência escrita, partilhas... todas as atividades possíveis e que possam envolver as crianças dos dois níveis de ensino. As crianças do 1º ciclo reforçam valores como (partilha, generosidade, sabedoria, proteção...) e as do pré-escolar passam a “ver” a próxima etapa com mais segurança, tranquilidade e menos ansiedade. Passando aquele espaço físico a ser lhe familiar mais cedo... - EB</p>

		<p>As estratégias para uma boa transição para a escola, passa por transmitir segurança e estimular a autoestima nas crianças. Dar sempre um reforço positivo de que elas vão conseguir realizar e terminar uma tarefa. Por outro lado deve existir um diálogo entre educadores e professores, como trabalhar em conjunto em projetos, fazer visitas a escola. - EC</p> <p>O que respondi na questão anterior. – ED</p>
	<p>E, más práticas? Porquê?</p>	<p>Evitar que no jardim-de-infância e em casa se transmita a ideia que acabou a brincadeira e agora é a sério pois pode transmitir medo e insegurança face à nova etapa. – T</p> <p>Más práticas são todas aquelas que não respeitam a individualidade de cada criança ou de um grupo num determinado momento.</p> <p>Más práticas em palavras ou ações são: as que excluem a criança da possibilidade e do direito que tem de ser feliz; as que a menosprezam; as que caracterizam o dia de uma criança apenas por uma atitude sua, quando a criança até se esforçou durante todo o dia por demonstrar bons comportamentos; as que não valorizam a criança; as que dizem haver crianças más e outras só boas; as que não oferecem poder de escolha/alternativa para a criança;</p> <p>as que escolarizam a todo o custo o :Brincar. – EA</p> <p>Inexistência de envolvimento dos dois níveis, existem certas dúvidas que os educadores têm em relação à abordagem à escrita, que seria importante esclarecer com as professoras. Muitas vezes as professoras também não têm noção dos conteúdos que são abordados no pré-escolar e “reclamam” os comportamentos das crianças...,Resultado da</p>

		<p>desarticulação. - EB</p> <p>Práticas más, penso que não devemos escolarizar o jardim-de-infância. Porque o J.I. é onde as crianças têm a possibilidade de desenvolver-se ao nível pessoal, social, brincar,... e o educador tem o dever estimular a curiosidade e a vontade da criança aprender e de fazer as suas próprias descobertas e não unicamente ter a função de preparar para a escola. – EC</p> <p>Para mim más práticas são quando não existem regras e não se planificam atividades que ajudem na preparação /transição para o 1º ciclo. Porque o pré-escolar é a primeira etapa da vida “escolar” de uma criança e considero que as suas vivências/aprendizagens irão se refletir no seu percurso escolar. – ED</p>
<p>Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?</p>		<p>Sim, considero importante ter acesso a estes dados e a outros que a educadora considere relevantes para que a professora... tenha conhecimento das capacidades e necessidades da criança e assim adequue as estratégias que considere mais adequadas. – T</p> <p>Sim. Porque considero que todas as informações relevantes à criança são do interesse de quem vai estar com ela, sejam relativamente à sua família ou relativas ao seu percurso escolar.</p> <p>Por outro lado podem existir “episódios”na vida de uma criança, que já estão resolvidos merecendo por isso dar-se como “arquivados”.</p> <p>Uma criança deve ser ilibada de os carregar por toda a vida! E deve ter a possibilidade de não ser futuramente julgada pelos mesmos! – EA</p> <p>Sim, não só as avaliações mas também devem existir reuniões entre as duas profissionais de forma a ser</p>

		<p>transmitido o percurso educativo da criança. - EB</p> <p>Acho que devia de existir uma troca de informação entre a educadora e a professora sobre a criança que vai receber, é claro que nem sempre é possível porque a maioria das crianças que recebo no final do pré – escolar acabam quase todas em ingressar em diferentes escolas. Mas a existência de um processo de avaliação que seguisse do pré-escolar com a criança pode condicionar o sucesso escolar até rotular a mesma, depende como a professora interpreta-se essa avaliação feita pela educadora. E como a educadora não está lá dificilmente poderias tirar dúvidas. – EC</p> <p>Sim para conhecer algumas das características das crianças que sejam importantes referir. – ED</p>
<p>Dificuldades</p>	<p>Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?</p>	<p>Cada etapa tem as suas características. Nesta considero que devemos envolver muito as famílias no sentido de lhes fornecer estratégias e segurança para a nova etapa. Relativamente às crianças devemos proporcionar um ambiente estimulante, harmonioso e securizante para que consigam desenvolver os pré-requisitos necessários à aprendizagem escolar. - T</p> <p>Pela experiência que tenho e que tenho vivido ao longo destes anos, as dificuldades que o educador possa ter, não são referentes ao ingresso da criança no 1ºciclo mas sim, serão relativas às dificuldades que a própria criança possa ter no seu dia-a-dia.</p> <p>Têm a ver por exemplo com o desenvolvimento, a maturidade/capacidade que a criança pode ou não ter por diversos motivos e que aí sim, a pode atrapalhar ou dificultar nas aquisições que se espera que faça!</p> <p>Por outro lado, dever-se-ia desmistificar socialmente a entrada da criança para a escola.</p>

		<p>Educando/Informando as pessoas e os pais em particular, de que se um filho não tiver maturidade para ingressar no 1º ciclo e tiver a oportunidade de aguardar mais um ano para adquirir determinadas competências, apenas irá beneficiar!</p> <p>Sou da opinião de que quando um educador é consciente com o desempenho que tem para com a transmissão de valores para com outros seres, deverá sentir-se de consciência tranquila em como fez o que lhe era devido como pessoa e como profissional. – EA</p> <p>A inexistência de troca conhecimentos, experiências e de necessidades entre professores e educadores de forma a nós poderemos proporcionar o melhor para as crianças que terminam o pré- escolar.</p> <p>Acho que neste momento não está a ser feita corretamente a articulação, porque o jardim onde trabalho é uma ipss e como tal não pertence ao agrupamento do concelho e estamos “alheios” ao plano de atividades do agrupamento, não existindo um envolvimento mais direto entre os dois níveis. Considero que esta é a maior dificuldade. É de salientar a reunião com os professores no primeiro dia de aulas de 1º ciclo para entregar as avaliações e o programa de integração de crianças autistas. – EB</p> <p>Não sei bem se será uma dificuldade, mas sinto um fosso ente o J.I. e a escola. Não existe diálogo entre estes dois ensinios e por isso não há uma continuidade neste processo de aprendizagem, e os meninos saem e nós acabamos por não saber como foi a adaptação e como está decorrer o processo de aprendizagem na escola (é de referir que alguns pais ainda nós vão dando noticias dos “nossos” meninos). Por outro lado é complicado fazer entender aos pais qual é a nossa função! Muitos pensam que temos a tarefa de ensinar a</p>
--	--	--

		<p>ler e a escrever! – EC</p> <p>No público, as salas de JI são mistas com diferentes idades às vezes é um pouco difícil organizar atividades mais específicas para as crianças que vão transitar para o 1º ciclo sobretudo se exigirem mais concentração/silêncio. – ED</p>
--	--	--

Blocos	Questões	Professoras
Práticas de transição realizadas	Que importância atribui ao momento da transição do Ji para a escola?	<p>A transição do Jardim para a vida escolar é das mais importantes, talvez a mais importante. As crianças entram na vida escolar, iniciam um processo que durará pelo menos 12 anos. Apesar de no Jardim de Infância já existir uma rotina que lhes é familiar, na escola, eles são "postos à prova" no que diz respeito a autonomia e capacidade para desempenhar determinadas funções. Essa transição para a qual alguns deles não estão preparados pode ser marcante. Pode ser um processo muito tranquilo e sem grandes dificuldades mas também pode levar a situações de difícil adaptação. Há um conjunto diverso de exigências às quais as crianças têm de corresponder. – PA</p> <p>Acho que é um momento extremamente importante, com tudo o que implica para a criança e para a família. É uma transição carregada de ansiedade, a qual não deve ser esquecida no momento em que acontece a chegada ao 1º ciclo e o primeiro contacto com outra realidade. – PB</p> <p>O momento de transição do Ji é importantíssimo senão o mais importante de toda a vida escolar do aluno e penso que ainda não lhe é dada a importância devida principalmente pelos pais. Em 1º lugar porque muitos ainda olham para o Ji como um depósito para as crianças estarem ocupadas. Não ouvem as educadoras, nem os seus conselhos, porque o importante é entrar no 1ºano, mesmo quando lhes é dito que não é aconselhável. Penso que na formação das turmas de 1ºano as educadoras deveriam estar presentes, pois são elas que conhecem os alunos.</p> <p>Deverá haver mais contacto entre a educadora e a professora antes de se iniciar o ano letivo.</p>

		<p>A informação sobre cada aluno deveria ser o mais detalhada possível: Social, familiar, motricidade, cognitivo...</p> <p>Os alunos com muitas dificuldades e em que as quais já foram detetadas deverão logo ser encaminhados para observação antes da entrada no 1ºano. - PC</p> <p>O momento da transição do JI para a escola é de maior importância porque a mudança é um momento de oportunidade de aprendizagem e desafios e se for bem-sucedida maior é a garantia de um bom desenvolvimento em todas as áreas, como por exemplo, um sucesso escolar a longo prazo. – PD</p>
<p>Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem em consideração o momento de transição?</p>		<p>Sim. No início do primeiro ano, particularmente, nas primeiras semanas de aulas há um conjunto de atividades e de cuidados/atenções que existem como ponte para tornar a passagem o mais tranquila possível. – PA</p> <p>Sim, tenho esse aspeto em conta. Não poderia deixar de o ter. Muitas crianças estão no pré-escolar três anos antes de chegarem ao 1º ciclo. O que aprenderam e o que ainda não aprenderam é o ponto de partida...no início do 1º ano, a planificação vai sendo construída com base nestes aspetos. – PB</p> <p>Quando organizo e planifico o trabalho nos primeiros dias sinto que estou "em branco", pois não tenho qualquer interação com a educadora que acompanhou os alunos.</p> <p>Atenção: Não é culpa da educadora nem da professora, mas sim de quem não nos dá tempo e horário para tal. Penso q a grande falha começa logo aqui, pois são formadas turmas com muitos casos problemáticos e muitas vezes essas turmas deveriam ser separadas e não criar uma bola de neve. – PC</p>

		<p>Sim, todas as crianças passam pelo momento de adaptação ao 1.º ano de escolaridade. – PD</p>
	<p>Como prepara a transição das crianças para a escola?</p>	<p>Como professora não estou presente no período pré transição apenas posso falar do que se faz nas primeiras semanas após a transição. As atividades são uma sequência das realizadas no Jardim: pintar, recortar, colar, ordenar, montar, ouvir histórias e canções... Mas também existe um conjunto de ações que são praticadas para avaliar o grau de autonomia e promovê-lo, dando-lhe uma importância maior nesta altura: arrumar o material na mesa e na mochila, organizar a mesa de trabalho, retirar o lanche, ir à casa de banho sozinho, almoçar sem ajuda... – PA</p> <p>A minha primeira tarefa é a de sondar conhecimentos, através de atividades iniciais que se cruzam com as do fim do pré-escolar. Também tenho como referência as informações que me são fornecidas na reunião de articulação com os Educadores que estiveram a trabalhar com as crianças. Na primeira reunião de pais, recolho as informações que os Encarregados de Educação me fornecem, pois também me vão ajudar a conhecer a realidade com que vou trabalhar. Depois, vou preparando o caminho, começando por atividades que todos já consigam fazer e então começo a avançar no grau de dificuldade. Primeiro as crianças mostram o que sabem, para poderem motivar-se para saberem algo mais. Não esqueço, claro, que algumas delas podem não ter frequentado o pré-escolar... - PB</p> <p>Na preparação tento sempre criar atividades para avaliar logo de início o nível de motricidade, de relação com os pares e com os adultos, de organização, de atitudes e comportamentos. – PC</p> <p>Antes do ano letivo começar, conhecer as crianças, as</p>

		<p>suas dificuldades, os seus interesses, os problemas de saúde, entre outros fatores que possam influenciar na sua adaptação à sua nova vida escolar, estando em contacto com o educador do ano anterior. – PD</p>
<p>Exemplos de práticas desenvolvidas</p>	<p>Dê exemplo de atividades/e estratégias que considera como boas práticas? Porquê?</p>	<p>Boas práticas - realizar tarefas que: ajudem a criança a arrumar o material de trabalho; requerem que a criança passe algum tempo sentada (entenda-se, sentada corretamente); levem a criança a treinar o corte, a colagem, a ordenação de figuras, a pintura e o desenho; levem a criança a ter autonomia no refeitório e na casa de banho; exigem atenção/concentração por períodos de tempo cada vez mais longos,... Estas atividades são as que me parecem prioritárias para que a transição decorra de uma forma calma, pois, se as crianças tiverem estas tarefas interiorizadas será muito mais fácil conseguir dar o passo para tudo o resto que é exigido no 1ºano. Esta é a base, tudo o resto virá depois. – PA</p> <p>Como exemplo de boas práticas considero que qualquer prática que comece na criança e seja para o sucesso da mesma, é uma boa prática. Atividade que traga da criança o que aprendeu, lhe dê desafios e, no fim, lhe acrescente saber, é uma prática benéfica e conduz ao sucesso. - PB</p> <p>Ao fim de 25 anos de serviço ainda é difícil iniciar um novo grupo. Temos sempre que conciliar logo desde início regras e disciplina com algum mimo pois ainda são muito pequenos. Mas não devemos esquecer que estamos a ser testados e se não conseguirmos dosear estes dois componentes torna-se difícil Uma outra boa prática é logo de início tentar ter os pais do nosso lado e explicar-lhes bem o trabalho que há pela frente e q temos que remar no mesmo sentido. –</p>

		<p>PC</p> <p>Proporcionar à criança momentos em que adquira autoconfiança, resiliência, saia lidar com a frustração e que veja mudança como um desafio. Assim a criança torna-se mais positiva, forte, criativa e confiante. – PD</p>
E, más práticas? Porquê?		<p>Más práticas - não treinar o desenho e a pintura, o recorte e a ordenação de imagens; não exigir o cumprimento de regras de sala (exemplos: saber esperar a sua vez de falar, realizar as tarefas sentado corretamente...); não praticar a tomada das refeições de forma autónoma; não aumentar o grau de exigência face a determinadas tarefas... O facto destas tarefas não serem devidamente exploradas e desenvolvidas leva a que a adaptação a uma nova realidade seja mais difícil. – PA</p> <p>As práticas que só têm como objetivo único o débito de informação por parte do professor e a aferição da aquisição ou não aquisição dessa informação, não pode ser uma boa prática. A criança não se incluiu positivamente no processo, não partilhou, não teve oportunidade de mostrar o que já sabia antes, não se deu a conhecer. - PB</p> <p>Todas as atitudes, comportamentos e conversas tidas com a criança por parte do educador e novo professor que levam ao medo e à insegurança face à nova realidade, a nova escola. – PC</p> <p>Não ouvir o que a criança tem para nos dizer sobre o que vive, não saber as suas expectativas sobre as suas vivências, deste modo a criança fica ansiosa, sem vontade de evoluir. – PD</p>
Na preparação		<p>Sim. O conhecimento do percurso da criança, bem como da sua avaliação ajudam a compreender melhor</p>

	<p>da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?</p>	<p>algumas situações, quer sejam comportamentais ou de aprendizagem. – PA</p> <p>Claro que sim...faz parte do percurso da criança e ajuda o professor a perceber a sua realidade. Aliás, as reuniões com os Educadores devem ser o mais cedo possível, para que quando a criança chegue ao 1º ciclo, o professor já tenha alguma referência para melhor adequar as primeiras atividades. Os primeiros dias de aulas ficam sempre na memória...pela positiva e pela negativa, por isso, se pudermos torná-los mais positivos, melhor. Para isso, acho muito importante a avaliação da criança referente ao pré-escolar, torna-se um ótimo instrumento de apoio às atividades iniciais. – PB</p> <p>Na 1ª e 2ª semana reservo a parte da tarde para descomprimir: jogos, filmes histórias, jogos interativos. Os miúdos não conseguem ainda estrá 5horas só e pintar e escrever. – PC</p> <p>Penso que seja importante a articulação entre o pré-escolar e o 1.º ciclo, desta forma, educadores e professores deviam trabalhar em conjunto. Os professores ao conhecerem o trabalho realizado ao longo do pré-escolar consegue, de um forma mais concisa, preparar estratégias mais adequadas para as novas etapas da vida da criança. – PD</p>
<p>Dificuldades</p>	<p>Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar</p>	<p>O grau de imaturidade das crianças é cada vez maior; a sua falta de autonomia e insegurança também são muito frequentes; a dificuldade em lidar com as regras da sala de aula; a grande dificuldade em desenhar e pintar, recortar e até colar (tarefas básicas); o manuseamento do material (neste grupo que tenho agora havia crianças que não sabiam usar uma tesoura, não sabiam colocar os dedos na tesoura, nem</p>

	<p>para o 1º ciclo?</p>	<p>afiar os lápis...). Ao longo dos anos tem sido notório o aumento de crianças que têm dificuldade em cumprir regras básicas de funcionamento da sala de aula e que apresentam um período de concentração muito curto. Ao nível da aprendizagem, existem muitas crianças às quais faltam os pré-requisitos e que dificultam a mudança para um patamar de conhecimentos mais exigente e complexo. – PA</p> <p>Nos primeiros tempos, a maior dificuldade prende-se com o facto de as crianças não conseguirem estar muito tempo sentadas nas cadeiras. É um choque para elas terem de estar sentadas durante um maior período de tempo do que o a que estavam acostumadas.</p> <p>Outra dificuldade surge quando iniciam a aprendizagem das letras...normalmente, vêm com o hábito da letra de imprensa maiúscula e custa tirar o “vício”. Escrevem o seu nome e até outras palavras, mas sempre utilizando a letra de imprensa...</p> <p>Também a parte emocional se torna um obstáculo...há crianças que choram porque querem estar com os pais ou porque lhes dói a barriga...temos de compreender que estas crianças também têm a sua ansiedade ao rubro e que, a nível físico, isso vai refletir-se...com o tempo vai passando... - PB</p> <p>A maior dificuldade é a falta de comunicação que deveria existir antes de se iniciar o 1ºano.(entre ed e prof). – PC</p> <p>Não conhecer as crianças, antes do ano letivo começar, a falta de comunicação com o educador do grupo. A dificuldade que as crianças têm em se adaptar à nova realidade. – PD</p>
--	-------------------------	---

Tabela 4 – Apresentação dos dados

Anexos 4: Análise dos dados

Categoria	Questões (base para definição das subcategorias)	Educadoras	Professoras
Práticas de transição realizadas	Que importância atribui ao momento da transição do JI para a escola?	<p>(...muito importante uma vez que a entrada para o 1º Ciclo é acompanhada de um misto de emoções...) e (...É fundamental trabalhar com a criança e sua família para que esta transição seja a mais equilibrada e harmoniosa possível.) - T</p> <p>(Toda a importância que esta caminhada da criança terá rumo ao seu futuro ...) - EA</p> <p>(É importante, está referida na lei de base do sistema educativo e nas orientações curriculares do pré-escolar...) - EB</p> <p>(A passagem do J.I. para o 1ºciclo, é um momento marcante e importante na vida da criança...) - EC</p> <p>(Considero uma passagem muito importante...) - ED</p>	<p>(...das mais importantes, talvez a mais importante...] e [...são "postos à prova" no que diz respeito a autonomia e capacidade para desempenhar determinadas funções...] - PA</p> <p>(...é um momento extremamente importante, com tudo o que implica para a criança e para a família. É uma transição carregada de ansiedade, a qual não deve ser esquecida...) - PB</p> <p>(...é importantíssimo senão o mais importante de toda a vida escolar... Deverá haver mais contacto entre a educadora e a professora antes de se iniciar o ano letivo. A informação sobre cada aluno deveria ser o mais detalhada possível...) - PC</p> <p>(...é de maior importância porque a mudança é um momento de oportunidade de aprendizagem e desafios...) – PD</p>
	Quando organiza e planifica as atividades para o ano letivo, tem	(...envolvendo a criança, as famílias e a comunidade educativa.) - T	(...nas primeiras semanas de aulas há um conjunto de atividades e de cuidados/atenções que existem como ponte...) -

	<p>em consideração o momento de transição?</p>	<p>(...organizadas e planeadas... visam o desenvolvimento de capacidades, habilidades, conhecimentos, experiências...) - EA</p> <p>(Sim) - EB</p> <p>(...O planeamento das atividades vai ao encontro do interesse do grupo e não unicamente à transição para a nova etapa no percurso escolar das crianças...) - EC</p> <p>(...procuro desenvolver atividades e em criar momentos de aprendizagem diversificados...) - ED</p>	<p>PA</p> <p>(...Muitas crianças estão no pré-escolar três anos antes de chegarem ao 1º ciclo. O que aprenderam e o que ainda não aprenderam é o ponto de partida...no início do 1º ano, a planificação vai sendo construída com base nestes aspetos.) - PB</p> <p>(Quando organizo e planifico o trabalho nos primeiros dias sinto que estou "em branco", pois não tenho qualquer interação com a educadora que acompanhou os alunos.) - PC</p> <p>(Sim, todas as crianças passam pelo momento de adaptação ao 1.º ano de escolaridade.) - PD</p>
	<p>Como prepara a transição das crianças para a escola?</p>	<p>(...através de encontros de pais, em que contam experiências suas aos seus filhos; vamos visitar a escola e conhecer a professora nova; reúno-me com as professoras para lhes transmitir informações que considero relevante ...) - T</p> <p>(...certificar-me diariamente que os meus meninos são crianças felizes, que se sentem ouvidos, respeitados, que respeitam os seus pares/adultos, que estão despertos para o que os rodeia tendo gosto por aprender...) - EA</p>	<p>(...As atividades são uma sequência das realizadas no Jardim: pintar, recortar, colar, ordenar, montar, ouvir histórias e canções,... Mas também existe um conjunto de ações que são praticadas para avaliar o grau de autonomia e promovê-lo...) - PA</p> <p>(A minha primeira tarefa é a de sondar conhecimentos, através de atividades iniciais que se cruzam com as do fim do</p>

		<p>(São definidos objetivos e estratégias de forma a verificar-se uma continuidade de conteúdos dos diferentes níveis de ensino...) - EB</p> <p>(...Cada grupo é diferente, e a própria exigência da escola também o é!...] e [...estimula-se a curiosidade e o desejo de aprender, para isso o grupo tinha ao seu dispor diferentes materiais como revistas, canetas, lápis, borrachas... criar um ambiente de escola...] - EC</p> <p>(...atividades nas diferentes áreas de conteúdo...) e (...atividades que exigem mais concentração e gradualmente aumentar o grau de dificuldade das tarefas a desenvolver...) - ED</p>	<p>pré-escolar. Também tenho como referência as informações que me são fornecidas na reunião de articulação com os Educadores que estiveram a trabalhar com as crianças... Depois, vou preparando o caminho, começando por atividades que todos já consigam fazer e então começo a avançar no grau de dificuldade...) - PB</p> <p>(Na preparação tento sempre criar atividades para avaliar logo de início o nível de motricidade, de relação com os pares e com os adultos, de organização, de atitudes e comportamentos.) - PC</p> <p>(...conhecer as crianças, as suas dificuldades, os seus interesses, os problemas de saúde, entre outros fatores que possam influenciar na sua adaptação... estando em contacto com o educador do ano anterior.) - PD</p>
<p>Exemplos de práticas desenvolvidas</p>	<p>Dê exemplo de atividades/estratégias que considera como boas práticas? Porquê?</p>	<p>(...Falar sobre a escola...), (...Visitar a escola e conhecer a professora...) - T</p> <p>(...atividades que vão de encontro às necessidades individuais de cada criança...) e (...atividades de grupo que normalizam o que cada uma delas pode e deve fazer quando em grupo...) - EA</p>	<p>(...realizar tarefas que: ajudem a criança a arrumar o material de trabalho; requerem que a criança passe algum tempo sentada... levem a criança a ter autonomia no refeitório e na casa de banho; exigem atenção/concentração por períodos de tempo cada vez mais longos,... se as crianças tiverem estas tarefas interiorizadas será muito mais fácil conseguir</p>

		<p>(Intercâmbios, festas, visitas, correspondência escrita, partilhas... todas as atividades possíveis e que possam envolver as crianças dos dois níveis de ensino...) - EB</p> <p>(...passa por transmitir segurança e estimular a autoestima nas crianças...) e (...deve existir um diálogo entre educadores e professores, como trabalhar em conjunto em projetos, fazer visitas a escola.) - EC</p> <p>(O que respondi na questão anterior.) - ED</p>	<p>dar o passo para tudo o resto que é exigido no 1ºano) - PA</p> <p>(...Atividade que traga da criança o que aprendeu, lhe dê desafios e, no fim, lhe acrescente saber...) - PB</p> <p>(...conciliar logo desde início regras e disciplina com algum mimo... outra boa prática é logo de início tentar ter os pais do nosso lado e explicar-lhes bem o trabalho que há pela frente...) - PC</p> <p>(Proporcionar à criança momentos em que adquira autoconfiança, resiliência, saia lidar com a frustração e que veja mudança como um desafio. Assim a criança torna-se mais positiva, forte, criativa e confiante.) - PD</p>
<p>E, más práticas? Porquê?</p>		<p>(...Evitar que... se transmita a ideia que acabou a brincadeira e agora é a sério pois pode transmitir medo e insegurança...) - T</p> <p>(...todas aquelas que não respeitam a individualidade de cada criança ou de um grupo num determinado momento...) - EA</p> <p>(Inexistência de envolvimento dos dois níveis, existem certas dúvidas que os educadores têm em relação à abordagem à</p>	<p>(...não exigir o cumprimento de regras de sala... não aumentar o grau de exigência face a determinadas tarefas,... O facto destas tarefas não serem devidamente exploradas e desenvolvidas leva a que a adaptação... seja mais difícil.) - PA</p> <p>(...práticas que só têm como objetivo único o débito de informação por parte do professor e a aferição da aquisição ou</p>

		<p>escrita, que seria importante esclarecer com as professoras...) - EB</p> <p>(...não devemos escolarizar o jardim-de-infância... o educador tem o dever estimular a curiosidade e a vontade da criança aprender e de fazer as suas próprias descobertas e não unicamente ter a função de preparar para a escola.) - EC</p> <p>(...quando não existem regras e não se planificam atividades que ajudem na preparação/transição para o 1º ciclo...) - ED</p>	<p>não aquisição dessa informação...) - PB</p> <p>(... atitudes, comportamentos e conversas tidas com a criança por parte do educador e novo professor que levam ao medo e à insegurança face à nova realidade ...) - PC</p> <p>(Não ouvir o que a criança tem para nos dizer sobre o que vive, não saber as suas expectativas sobre as suas nos vivências, deste modo a criança fica ansiosa, sem vontade de evoluir.) - PD</p>
	<p>Na preparação da transição das crianças considera importante que a professora do 1º ciclo tenha acesso à avaliação da criança referente ao Jardim de Infância? Porquê?</p>	<p>(...a professora tenha conhecimento das capacidades e necessidades da criança e assim a deqúe as estratégias...) - T</p> <p>(...considero que todas as informações relevantes à criança são do interesse de quem vai estar com ela, sejam relativamente à sua família ou relativas ao seu percurso escolar...) e (Por outro lado podem existir “episódios”na vida de uma criança, que já estão resolvidos merecendo por isso dar-se como “arquivados”... deve ser ilibada de os carregar por toda a vida!...) - EA</p> <p>(Sim, não só as avaliações mas também devem existir reuniões entre as duas profissionais...) - EB</p>	<p>(Sim. O conhecimento do percurso da criança, bem como da sua avaliação ajudam a compreender melhor algumas situações, quer sejam comportamentais ou de aprendizagem.) - PA</p> <p>(...faz parte do percurso da criança e ajuda o professor a perceber a sua realidade. Aliás, as reuniões com os Educadores devem ser o mais cedo possível... acho muito importante a avaliação da criança referente ao pré-escolar, torna-se um ótimo instrumento de apoio às atividades iniciais.) - PB</p> <p>(Na 1ª e 2ª semana reservo a parte da tarde</p>

		<p>(...devia de existir uma troca de informação entre a educadora e a professora sobre a criança... mas a existência de um processo de avaliação que seguisse do pré-escolar com a criança pode condicionar o sucesso escolar até rotular a mesma...) - EC</p> <p>(Sim para conhecer algumas das características das crianças que sejam importantes referir.) – ED</p>	<p>para descomprimir: jogos, filmes histórias, jogos interativos....) - PC</p> <p>(...educadores e professores deviam trabalhar em conjunto ...ao conhecerem o trabalho realizado ao longo do pré-escolar consegue, de um forma mais concisa, preparar estratégias mais adequadas para as novas etapas da vida da criança.) - PD</p>
Dificuldades	Que dificuldades sente quando acompanha um grupo que vai transitar para o 1º ciclo?	<p>(... envolver ... as famílias no sentido de lhes fornecer estratégias e segurança ...) e (... às crianças ... proporcionar um ambiente estimulante, harmonioso e securizante ...) - T</p> <p>(...dificuldades que a própria criança possa ter no seu dia-a-dia. ..., a possa atrapalhar ou dificultar nas aquisições que se espera que faça.) e (...informando os pais ..., de que se o seu filho não tiver maturidade para ingressar para o 1º ciclo ... só irá beneficiar.) - EA</p> <p>(A inexistência de troca conhecimentos, experiências e de necessidades entre professores e educadores... não está a ser feita corretamente a articulação) - EB</p> <p>(...sinto um fosso ente o J.I. e a escola. Não existe diálogo entre estes dois ensinios e por isso não há uma continuidade neste processo de aprendizagem ...) e (...é complicado fazer entender aos pais qual é a nossa função! Muitos pensam que temos a tarefa de ensinar a ler e a escrever!) - EC</p> <p>(No publico, as salas de JI são mistas com diferentes idades às vezes é um pouco difícil organizar atividades mais especificas... sobretudo se exigirem mais concentração/silêncio.) – ED</p>	
	Que dificuldades sente quando	<p>(O grau de imaturidade das crianças é cada vez maior; a sua falta de autonomia e insegurança também são muito frequentes; a dificuldade em lidar com as regras da sala de</p>	

	<p>recebe um grupo que vem do Jardim de Infância?</p>	<p>aula... tem sido notório o aumento de crianças que têm dificuldade em cumprir regras básicas de funcionamento da sala de aula e que apresentam um período de concentração muito curto. Ao nível da aprendizagem, existem muitas crianças às quais faltam os pré-requisitos...) - PA</p> <p>(...a maior dificuldade prende-se com o facto de as crianças não conseguirem estar muito tempo sentadas nas cadeiras... a parte emocional se torna um obstáculo...) - PB</p> <p>(A maior dificuldade é a falta de comunicação que deveria existir antes de se iniciar o 1ºano.(entre ed e prof)) - PC</p> <p>(Não conhecer as criança, antes do ano letivo começar, a falta de comunicação com o educador do grupo. A dificuldade que as crianças têm em se adaptar à nova realidade.) - PD</p>
--	---	---

Tabela 5 – Análise dos dados

Anexos 5: Conclusões retiradas dos dados

Categoria	Subcategoria	Educadoras	Professoras
Práticas de transição realizadas	Importância do momento de transição	As educadoras consideram o momento de transição o mais importante, é encarado como um processo fundamental acompanhado de um conjunto de emoções e desafios.	As professoras consideram a transição a fase mais importante da vida escolar das crianças carregada de ansiedade, onde são "postos à prova" no que diz respeito a autonomia e capacidade para desempenhar determinadas funções.
	Preparação da transição	<p>As educadoras preparam a transição envolvendo a criança, as famílias e a comunidade educativa para que esta transição seja a mais equilibrada e harmoniosa possível.</p> <p>A transição é organizada e planeada visando o desenvolvimento de capacidades, habilidades, conhecimentos e experiências. Procurando sempre atividades que vão ao interesse do grupo e o mais diversificadas possível. Como por exemplo, através de encontros de pais, em que contam experiências suas aos seus filhos, visitas à escola e conhecer a professora nova, reuniões com as professoras para lhes transmitir informações relevantes sobre as crianças. São também definidos objetivos e estratégias de forma a verificar-se uma continuidade de conteúdos dos diferentes níveis de ensino, estimulando a curiosidade e o desejo de aprender, para isso o grupo tinha ao seu dispor diferentes materiais como revistas, canetas, lápis, borrachas, ou seja, criar</p>	<p>As professoras acham que deverá haver mais contacto entre a educadora e a professora antes de se iniciar o ano letivo e que a informação sobre cada aluno deveria ser o mais detalhada possível, pois quando organizam e planificam o trabalho nos primeiros dias sentem que estão "em branco", ou porque não têm qualquer interação com a educadora que os acompanhou ou o que têm é pouco.</p> <p>As professoras preparam a transição com um conjunto de atividades e de cuidados/atensões que existem como ponte, nas primeiras semanas de aulas. As atividades são uma sequência das realizadas no Jardim: pintar, recortar, colar, ordenar, montar, ouvir histórias e canções,... Mas também existe um conjunto de ações que são praticadas para avaliar o grau de autonomia e promovê-lo.</p>

		um ambiente de escola.	
Exemplos de práticas desenvolvidas	Boas práticas de atividades e estratégias	<p>As educadoras consideram boas práticas as atividades e estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • falar sobre a escola; • visitar a escola e conhecer a professora; • intercâmbios; • festas; • correspondência escrita; • partilhas; • ... todas as atividades possíveis e que possam envolver as crianças dos dois níveis de ensino. <p>Consideram também como boas práticas as atividades que vão de encontro às necessidades individuais de cada criança e que passam por transmitir segurança e estimular a sua autoestima.</p> <p>E, por fim deve existir um diálogo entre educadores e professores.</p>	<p>As professoras consideram boas práticas as atividades e estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • realizar tarefas que ajudem a criança a arrumar o material de trabalho; • que a criança passe algum tempo sentada. • levem a criança a ter autonomia no refeitório e na casa de banho; • exigem atenção/concentração por períodos de tempo cada vez mais longos; <p>... se as crianças tiverem estas tarefas interiorizadas será muito mais fácil conseguir dar o passo para tudo o resto que é exigido no 1ºano.</p> <p>Conciliar logo desde início regras e disciplina com algum mimo e logo de início tentar ter os pais do nosso lado e explicar-lhes bem o trabalho que há pela frente.</p>
	Más práticas	<p>As educadoras consideram como más práticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Evitar que se transmita a ideia que acabou a brincadeira e agora é a sério pois pode transmitir medo e 	<p>As professoras consideram como más práticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • não exigir o cumprimento de regras de sala; • não aumentar o grau de exigência

		<p>insegurança;</p> <ul style="list-style-type: none"> • todas aquelas atividades que não respeitam a individualidade de cada criança ou de um grupo num determinado momento. • a inexistência de envolvimento dos dois níveis, existem certas dúvidas que os educadores têm em relação à abordagem à escrita, que seria importante esclarecer com as professoras. • não devemos escolarizar o jardim-de-infância... o educador tem o dever estimular a curiosidade e a vontade da criança aprender e de fazer as suas próprias descobertas e não unicamente ter a função de preparar para a escola. • quando não existem regras e não se planificam atividades que ajudem na preparação/transição para o 1º ciclo. 	<p>face a determinadas tarefas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • o facto destas tarefas não serem devidamente exploradas e desenvolvidas leva a que a adaptação seja mais difícil. • atitudes, comportamentos e conversas tidas com a criança por parte do educador e novo professor que levam ao medo e à insegurança face à nova realidade. • não ouvir o que a criança tem para nos dizer sobre o que vive, não saber as suas expectativas sobre as suas vivências, deste modo a criança fica ansiosa, sem vontade de evoluir.
	<p>Importância do acesso da professora do 1º ciclo à avaliação da criança referente ao JI</p>	<p>As educadoras consideram importante que a professora tenha conhecimento das capacidades e necessidades da criança e assim adequar as</p>	<p>As professoras consideram importante conhecer o percurso da criança, bem como da sua avaliação ajudam a compreender melhor algumas situações, quer</p>

		<p>estratégias e que todas as informações relevantes à criança são do interesse de quem vai estar com ela, sejam relativamente à sua família ou relativas ao seu percurso escolar e por outro lado podem existir “episódios” na vida de uma criança, que já estão resolvidos merecendo por isso dar-se como “arquivados”... deve ser ilibada de os carregar por toda a vida!</p>	<p>sejam comportamentais ou de aprendizagem, a sua realidade.</p> <p>Dizem também que educadores e professores deviam trabalhar em conjunto ...ao conhecerem o trabalho realizado ao longo do pré-escolar consegue, de um forma mais concisa, preparar estratégias mais adequadas para as novas etapas da vida da criança.</p>
Dificuldades	Dificuldades sentidas ao acompanhar um grupo que vai transitar para o 1º ciclo	<p>As dificuldades sentidas pelas educadoras são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • envolver as famílias no sentido de lhes fornecer estratégias e segurança; • às crianças proporcionar um ambiente estimulante, harmonioso e securizante; • dificuldades que a própria criança possa ter no seu dia-a-dia. ..., a possa atrapalhar ou dificultar nas aquisições que se espera que faça; • informar os pais de que se o seu filho não tiver maturidade para ingressar para o 1º ciclo e aguardar mais um ano só irá beneficiar. • a inexistência de troca conhecimentos, experiências e de necessidades entre professores e educadores; • a inexistência de diálogo entre estes dois ensinos e por isso não há uma continuidade neste processo de aprendizagem; • muitos pais pensam que temos a tarefa de ensinar a ler e a escrever e não sabem qual é a função dos educadores; <p>A educadoras do ensino público, as salas de JI são mistas com diferentes idades às vezes é um pouco difícil organizar atividades mais especifica sobretudo se exigirem mais concentração/silêncio.</p>	
	Dificuldades sentidas ao receber um grupo que vem	<p>As dificuldades sentidas peãs professoras são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • o grau de imaturidade das crianças é cada vez 	

	do JI	<p>maior;</p> <ul style="list-style-type: none"> • a falta de autonomia e insegurança das crianças também são muito frequentes; • a dificuldade das crianças em lidar com as regras da sala de aula; • as crianças apresentam um período de concentração muito curto; • ao nível da aprendizagem, existem muitas crianças às quais faltam os pré-requisitos; • a parte emocional das crianças se torna um obstáculo. • Não conhecer as crianças, antes do ano letivo começar; • a dificuldade que as crianças têm em se adaptar à nova realidade. <p>A maior dificuldade é a falta de comunicação que deveria existir antes de se iniciar o 1ºano.(entre ed e prof)].</p>
--	-------	--

Tabela 6 – Conclusões retiradas dos dados